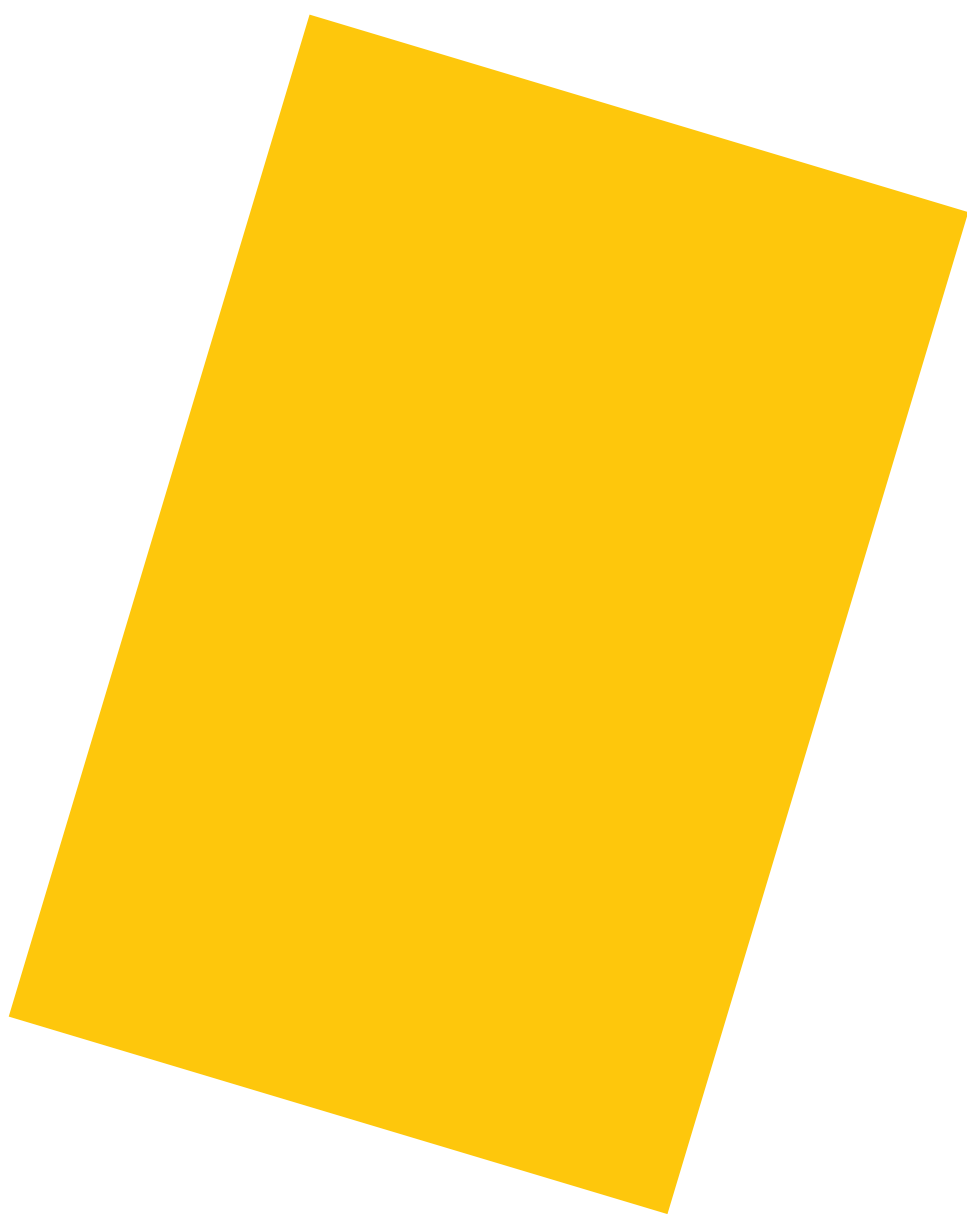


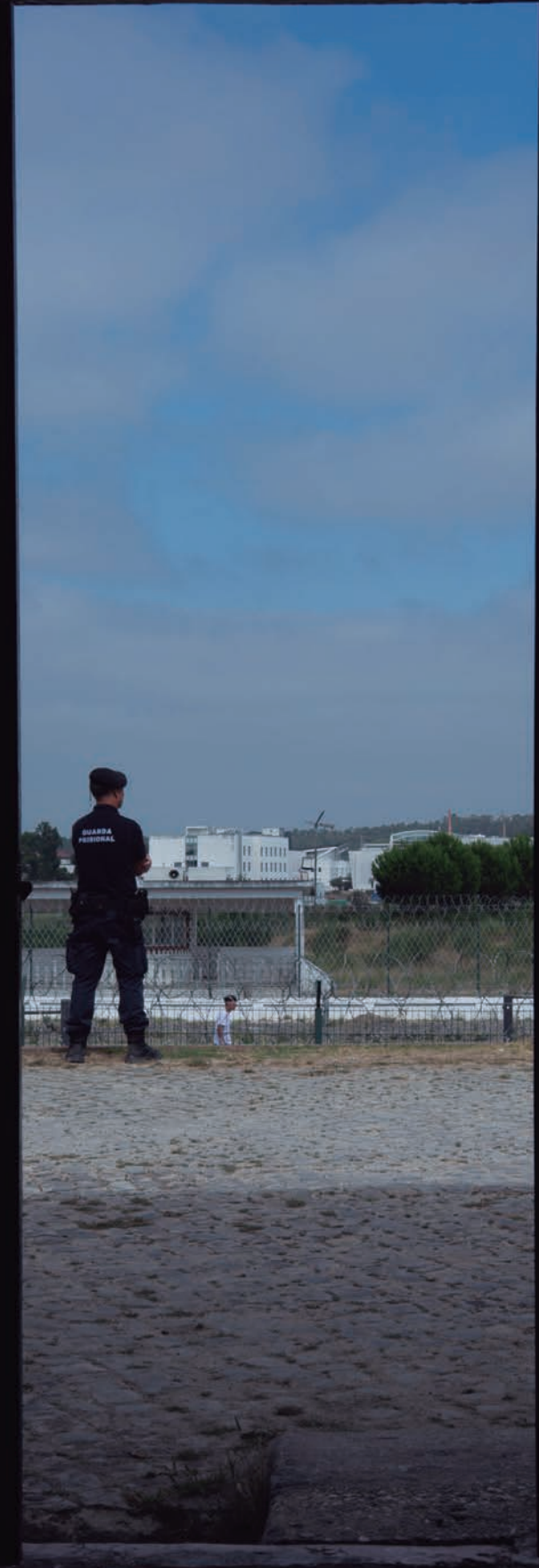
“AS PORTAS QUE A POESIA ABRIU”



**Portas da Esperança
Jubileu 2025, Portugal**

“AS PORTAS QUE A POESIA ABRIU”

**Portas da Esperança
Jubileu 2025, Portugal**



Índice / Index

8-11	Com os meus olhos / With my eyes Card. José Tolentino Mendonça Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé Prefect of the Dicastery for Culture and Education of the Holy See	100-103	Projeto JUBILEU 2025: Residências Artísticas no EP de Tires / Art as an element of transformation at Tires Prison Lígia Rebelo Diretora do Estabelecimento Prisional de Tires Director of the Tires Prison
14-17	A Justiça como Porta de Esperança / Justice as a Doorway of Hope Rita Alarcão Júdice Ministra da Justiça de Portugal / Portugal's Minister of Justice		
20-26	A arte no jubileu das prisões / Art at the jubilee of prisons José Teixeira Presidente do Conselho de Administração do dstgroup Chairman of the Board of Directors of dstgroup		
30-33	Agentes de Esperança / Agents of Hope Alexandre Palma Bispo-auxiliar de Lisboa Presidente da Direção da Fundação Jornada / Auxiliary Bishop of Lisbon Chairman of the Board of the <i>Jornada</i> Foundation		
37-39	O Jubileu e as Prisões - Projeto “Portas da Esperança” / The Jubilee and Prisons - “Doors of Hope” Project Orlando Carvalho Diretor-Geral da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais / General-Director of the Directorate-General for Reintegration and Prison Services		
42-49, 60- 67	As portas que a poesia abriu: a ZET e Portugal no Jubileu da Esperança 2025 – Projeto “As Portas da Esperança” / The doors that poetry opened: ZET and Portugal at the Jubilee of Hope 2025 – Project “The Doors of Hope” Helena Mendes Pereira Diretora-Geral da ZET, galeria de arte / General Director of ZET, art gallery		
75-79	A arte como elemento de transformação no EP de Leiria - Jovens / Art as an element of transformation at Leiria Correctional Facility - Youth Joana Patuleia Diretora do Estabelecimento Prisional de Leiria - Jovens Director of Leiria Correctional Facility - Youth		

Com os meus olhos

Se tivesse de indicar um início conceptual para o projeto, diria que existe uma clara associação à experiência do Pavilhão da Santa Sé, na Bienal de Arte de Veneza. No ano de 2024, a representação da Santa Sé aconteceu no interior de uma prisão em atividade, no caso, o cárcere feminino da ilha da Giudeca. O pavilhão chamava-se *“Com os meus olhos”* e essa denominação era já um programa. Como é habitual, quando se entra numa prisão, os telemóveis são deixados de parte. Os visitantes passam a ter como instrumento de visão apenas os seus olhos. Esta recuperação do próprio olhar, num tempo capturado pela omnipresença dos ecrãs, sublinhava no pavilhão ainda outro objetivo, que podemos traduzir, talvez, recordando o verso de Sophia de Mello Breyner Andresen: *«Vemos, ouvimos e lemos/não podemos ignorar»*. A arte contemporânea saía dos circuitos habituais para uma missão de resgate da consciência social em relação a um lugar demasiadas vezes ignorado.

Devo dizer que recebemos imensos *feedbacks* dessa iniciativa no cárcere de Veneza, que agruparia fundamentalmente em três tipos. O primeiro – e certamente o mais importante – foi o *feedback* das mulheres ali detidas, que se sentiram protagonistas num processo de apropriação da esperança. Com o projeto artístico no cárcere, abriram-se tantas portas: antes de tudo “portas internas”, no coração daquelas mulheres, porque a sua participação foi valorizada e descobriram, com espanto e alegria, competências que nem sabiam possuir; mas também se abriram “portas externas”, porque a experiência da Bienal trouxe em favor delas oportunidades úteis para a reconstrução dos seus percursos de vida.

O segundo *feedback* chegou com a reação dos milhares de visitantes. Estes vinham, é verdade, visitar o pavilhão, mas intercetavam com intensidade um específico lugar. Para a grande maioria das pessoas era a primeira vez que entrava numa realidade como aquela. Posso testemunhar o enorme impacto na inteligência e nas emoções de todos. A ninguém foi indiferente. Muitos saíam chorando ou digerindo em silêncio um sentimento fundo. Uma simples visita à prisão mudara tantas coisas, a começar pela perceção da responsabilidade individual perante problemáticas que não são apenas do Estado. Na verdade, solicitam o compromisso ativo e colaborante de toda a comunidade. A esperança reforça-se com a cooperação coletiva.

O terceiro *feedback* chega sobretudo através do desejo, mas tem uma capacidade generativa enorme, na qual acreditamos. Tanta gente que não teve a oportunidade de visitar o Pavilhão da Santa Sé, mas ouviu o seu relato, considera-o um facto culturalmente inovador e necessário que se deve continuar.

Devo dizer que no Dicastério para a Cultura e a Educação e na Fundação Pontifícia *Gravissimum Educationis* refletimos muito sobre as reações ao Pavilhão da Santa Sé. E, no espírito

do Jubileu e da visão do Papa Leão XIV, formulamos o desejo de aprofundar os gestos de encontro da arte contemporânea com o mundo carcerário, procurando, com isso, contribuir para alargar a consciência cultural e social. É tão urgente ativar uma pedagogia da esperança. Como sociedade, não podemos esquecer nem a população carcerária nem a realidade institucional que a prisão representa. Queremos contribuir tecendo pontes reais que favoreçam o despertar de uma responsabilidade compartilhada.

Recordo-me de uma história que li num dos diários de Franz Kafka. Um amigo seu perguntou-lhe: *“Pensas que exista uma esperança?”* O escritor checo respondeu: *“Sim, existe esperança, e uma grande esperança; mas não é para nós”*. A esperança existirá na medida em que todos nos tornarmos seus artesãos.

Uma palavra de gratidão ao Governo Português, em particular ao Ministério da Justiça e às suas diversas instituições, pela colaboração com este projeto da Santa Sé. Gratidão que estendo à Fundação Jornada. E também, muito especialmente, ao dstgroup, na pessoa do Eng. José Teixeira, e à ZET, galeria de arte.

Card. José Tolentino Mendonça
Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé

With my eyes

If I had to indicate a conceptual beginning for the project, I would say that there is a clear association with the experience of the Holy See Pavilion at the Venice Art Biennale. In 2024, the Holy See's representation took place inside an active prison, in this case, the women's prison on the island of Giudecca. The pavilion was called "*With my eyes*" and that name was already a programme in itself. As is customary when entering a prison, mobile phones are left behind. Visitors are left with only their eyes as a means of seeing. This recovery of one's own gaze, in a time captured by the omnipresence of screens, underlined yet another objective in the pavilion, which we can perhaps translate by recalling the verse by Sophia de Mello Breyner Andresen: «*We see, we hear and we read/we cannot ignore*». Contemporary art left its usual circuits for a mission to rescue social awareness in relation to a place that is too often ignored.

I must say that we received a lot of feedback on this initiative in the Venice prison, which can be grouped into three main types. The first – and certainly the most important – was the feedback from the women detained there, who felt they were protagonists in a process of reclaiming hope. The art project in the prison opened so many doors: first of all, "internal doors" in the hearts of those women, because their participation was valued and they discovered, with amazement and joy, skills they did not even know they possessed; but "external doors" were also opened, because the Biennale experience brought them useful opportunities to rebuild their lives.

The second piece of feedback came from the reaction of thousands of visitors. They had come to visit the pavilion, but they were intensely drawn to one specific place. For the vast majority of people, it was their first time encountering such reality. I can testify to the enormous impact it had on everyone's intelligence and emotions. No one was indifferent. Many left crying or silently digesting a deep feeling. A simple visit to the prison had changed so many things, starting with the perception of individual responsibility for problems that are not only the State's. In fact, they require active and collaborative commitment of the entire community. Hope is reinforced by collective cooperation.

The third type of feedback comes mainly through desire, but it has enormous generative capacity, in which we believe. So many people who did not have the opportunity to visit the Holy See Pavilion, but heard about it, consider it a culturally innovative and necessary initiative that should continue.

I must say that at the Dicastery for Culture and Education and at the *Gravissimum Educationis* Foundation, we have reflected deeply on the reactions to the Holy See Pavilion. And, in the spirit of the Jubilee and the vision of Pope Leo XIV, we have formulated the desire to deepen the gestures of encounter between contemporary art and the prison world, thereby

seeking to contribute to broadening cultural and social awareness. It is so urgent to activate a pedagogy of hope. As a society, we cannot forget either the prison population or the institutional reality that prison represents. We want to contribute by building real bridges that foster the awakening of shared responsibility.

I remember a story I read in one of Franz Kafka's diaries. A friend of his asked him, "*Do you think there is hope?*" The Czech writer replied, "*Yes, There is hope, an infinite amount of hope, just not for us.*" Hope will exist to the extent that we all become its architects.

A word of gratitude to the Portuguese Government, in particular to the Ministry of Justice and its various institutions, for their collaboration with this Holy See project. I extend my gratitude to the *Jornada* Foundation. And also, most especially, to dstgroup, in the person of Engineer José Teixeira, and to ZET, art gallery.

Cardinal José Tolentino Mendonça
Prefect of the Dicastery for Culture and Education of the Holy See



A Justiça como Porta de Esperança

Quando o Cardeal Tolentino Mendonça nos interpelou, no início deste ano de Jubileu da Esperança, sobre o interesse do Ministério da Justiça de Portugal em participar no projeto internacional 'As Portas da Esperança', promovido pelo Dicastério para a Cultura e a Educação da Santa Sé, aderimos sem hesitar.

O Ministério da Justiça alberga perto de 13 mil pessoas - homens e mulheres, jovens e idosos - que estão privadas de liberdade e se preparam para o regresso à sociedade.

Nesse caminho, a Esperança é um elemento essencial, é como uma porta para a liberdade e para a reconciliação, consigo mesmo, com os seus e com a sociedade. A Esperança representa a possibilidade de reconstrução de uma vida plena e de uma reintegração efetiva.

Como se lê no Evangelho segundo São João, *"Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo; há de entrar e sair e encontrará pastagem"*. Também as portas da Justiça não devem ser portas que fecham, mas sim portas que abrem oportunidades.

O sistema penal português é, na sua matriz, um sistema humanista. Portugal foi um dos primeiros países do mundo a abolir a pena de morte e a prisão perpétua, ainda no século XIX. Recordo as palavras do Professor Eduardo Correia, eminente penalista, que nos explica que essa abolição, aliás consagrada na nossa Constituição, radica *"na esperança, na capacidade de reabilitação de todos, todos os homens"*¹

Apesar das dificuldades, dos estabelecimentos prisionais envelhecidos, dos recursos humanos sempre insuficientes, o sistema prisional português não perde de vista a sua missão primordial, que a lei lhe atribui: preparar estas pessoas para a sua reintegração na sociedade, para conduzir a sua vida futura de forma socialmente responsável.

Esse trabalho de preparação, a que também chamamos "ressocialização", faz-se de muitas formas. Através da educação, da formação, do trabalho, de programas de intervenção e de apoio psicológico. E, claro, através da arte, do seu poder transformador. O contacto com a Arte e a expressão através de práticas artísticas permite atingir um sentimento de liberdade, mesmo quando em reclusão. Recentemente, num encontro internacional sobre boas práticas prisionais, ouvi um cidadão que tinha estado privado de liberdade dizer o seguinte: "Eu não sou um recluso, sou um artista".

A ressocialização implica também que seja assegurado um tratamento digno, sem nunca esquecer que é de seres humanos que se trata, e nunca se deve descurar a Esperança. A Esperança é a certeza de uma possibilidade e, por isso, deve ser cuidada, alimentada e cultivada.

Um dos desígnios do Ministério da Justiça é ser, também, cuidador da Esperança - especialmente quando se ocupa dos

mais vulneráveis, das vítimas e de todos aqueles que, estando privados de liberdade, um dia regressarão à sociedade, devendo estar preparados para o fazer com responsabilidade e respeito pelo bem comum.

Não é, portanto, de estranhar que, perante o repto do Dicastério, tenhamos posto de imediato mãos à obra.

Promovemos a celebração de um acordo de cooperação entre a Fundação Jornada, a ZET, galeria de arte, e a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. Três instituições que aqui podem simbolizar, respetivamente, a Esperança, a Arte e a Reinserção Social.

Elegemos dois grupos privados de liberdade com quem trabalhar: um grupo de mulheres, todas elas mães; e um grupo de jovens rapazes.

Projetámos duas residências artísticas. Uma com o artista Ilídio Candja, no Estabelecimento Prisional de Leiria - Jovens. O artista trabalhou com um grupo de rapazes jovens. Juntos conceberam e pintaram um mural, no espaço ao ar livre deste estabelecimento, onde está bem visível, perto da escola. Os desenhos em que se baseou o mural serão oferecidos a uma instituição de ensino superior, para assim partilharmos com a comunidade esta criação.

A outra residência, com a artista Fernanda Fragateiro, decorreu no Estabelecimento Prisional feminino de Tires. A artista juntou um grupo de mulheres, todas elas mães, numa intervenção artística que humaniza e enriquece o espaço onde habitam as reclusas mães com os seus filhos até três anos. Trabalharam palavras, frases, poemas, textos literários. Palavras que vão ficar inscritas nas paredes. Trabalharam desenhos, formas e cores e, com a colaboração da oficina de costura do mesmo estabelecimento e das hábeis mãos das reclusas que aí trabalham, criaram almofadas que se ligam umas às outras num "livro-cama", que vai alegrar a sala lúdica onde as crianças brincam e recebem visitas. E, por sugestão das próprias mulheres, foram pintadas, em colorido *dégradé*, as portas das celas da ala onde residem as mães com as crianças. Cada porta com uma palavra inscrita. Abertas, com as cores e as palavras, formam verdadeiras Portas de Esperança e de beleza.

Os resultados destas residências são apresentados no presente Catálogo. As imagens falam por si e enchem-nos de orgulho e satisfação. As mulheres e os jovens que participaram neste projeto levarão para a vida esta experiência, uma experiência de criação e de beleza, que transformou espaços e - com Esperança - terá transformado muito mais.

Estamos profundamente agradecidos a todos os que tornaram possível a concretização deste encontro da arte com a justiça e pela oportunidade de sermos parte deste projeto internacional de Esperança.

Rita Alarcão Júdice
Ministra da Justiça de Portugal

¹ Eduardo Correia, «As grandes linhas da reforma penal», in *Jornadas de Direito Criminal - O novo Código Penal Português e Legislação Complementar*, Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 1983, p. 19.

Justice as a Doorway of Hope

When Cardinal Tolentino Mendonça approached us at the beginning of this Jubilee Year of Hope about the Portuguese Ministry of Justice's interest in participating in the international project 'The Doors of Hope,' promoted by the Holy See's Dicastery for Culture and Education, we agreed without hesitation.

The Ministry of Justice accommodates nearly 13,000 people, men and women, young and old, who are deprived of their liberty and preparing to return to society.

On this path, Hope is an essential element. It's like a door to freedom and reconciliation with oneself, one's loved ones, and society. Hope represents the possibility of rebuilding a full life and effective reintegration.

As we read in the Gospel according to Saint John, "*I am the door: if anyone enters through me, he will be saved and will go in and out and find pasture.*" Likewise, the doors of Justice should not be doors that close, but rather doors that open opportunities.

The Portuguese criminal justice system is, at its core, a humanistic system. Portugal was one of the first countries in the world to abolish the death penalty and life imprisonment, back in the 19th century. I recall the words of Professor Eduardo Correia, a distinguished penal scholar, who explains that this abolition, enshrined in our Constitution, is rooted "*in hope, in the capacity for rehabilitation of all, all men.*"¹

Despite the difficulties, ageing prison facilities and chronic staff shortages, the Portuguese prison system does not lose sight of its primary mission, as defined by law: to prepare these individuals for their reintegration into society, enabling them to lead socially responsible lives in the future.

This preparatory work, which we also call "resocialisation", is carried out in many ways. It involves education, training, employment, intervention programmes and psychological support. And, of course, art and its transformative power. Contact with art and expression through artistic practices allows prisoners to achieve a sense of freedom, even while in confinement. Recently, at an international meeting on good prison practices, I heard a citizen who had been deprived of his liberty say the following: "I am not an inmate, I am an artist."

Resocialisation also implies ensuring dignified treatment, never forgetting that we are dealing with human beings, and never neglecting Hope. Hope is the certainty of a possibility and, therefore, must be cared for, nurtured and cultivated.

One of the aims of the Ministry of Justice is also to be a guardian of Hope, especially when dealing with the most vulnerable, victims and all those who, having been deprived of their freedom, will one day return to society and must be prepared to do so responsibly and with respect for the common good.

It is therefore not surprising that, faced with the challenge posed by the Dicastery, we immediately set to work.

We promoted the signing of a cooperation agreement between the *Jornada* Foundation, ZET, art gallery, and the Directorate-General for Reintegration and Prison Services. These three institutions symbolise, respectively, Hope, Art, and Social Reintegration.

We chose two groups deprived of their liberty to work with: a group of women, all of whom are mothers, and a group of young men.

We designed two artistic residences. One with the artist Ilídio Candja, at the Leiria Correctional Facility – Youth. The artist worked with a group of young boys. Together they designed and painted a mural in the outdoor space of this establishment, prominently visible near the school. The drawings on which the mural was based will be offered to a higher education institution, so that we can share this creation with the community.

The other residence, with artist Fernanda Fragateiro, took place at Tires Women's Prison. The artist brought together a group of women, all of them mothers, in an artistic intervention that humanises and enriches the space where inmates live with their children up to the age of three. They worked with words, phrases, poems and literary texts. Words that will be inscribed on the walls. They worked on drawings, shapes and colours and, with the collaboration of the prison's sewing workshop and the skilled hands of the inmates who work there, they created cushions that connect to each other in a "bed book", which will brighten up the playroom where the children play and receive visitors. At the suggestion of the women themselves, the doors of the cells in the wing where the mothers live with their children were painted in colourful *dégradé*. Each door has a word inscribed on it. Opened, with colours and words, they form true Doors of Hope and beauty.

The results of these residencies are presented in this Catalogue. The images speak for themselves and fill us with pride and satisfaction. The women and young people who participated in this project will carry this experience with them for the rest of their lives, an experience of creation and beauty that has transformed spaces and, with Hope, will have transformed much more.

We are deeply grateful to everyone who made this encounter between art and justice possible, and for the opportunity to be part of this international project of Hope.

Rita Alarcão Júdice
Portugal's Minister of Justice

¹ Eduardo Correia, «As grandes linhas da reforma penal», in *Jornadas de Direito Criminal – O novo Código Penal Português e Legislação Complementar*, Lisbon: Centre for Judicial Studies, 1983, p. 19.



A arte no Jubileu das prisões

Um dia, fui convidado para visitar o “pavilhão” da Santa Sé na Bienal de Arte de Veneza. Fui com a minha mulher. Fomos recebidos à porta do “pavilhão”, por quem nos convidou, por Dom Tolentino Mendonça. Acompanhava-o o padre Mário Rui, mais uns poucos convidados.

Veneza é Veneza, mas não era a Veneza da minha memória de há 32 anos atrás.

A primeira vez que visitámos Veneza foi na nossa lua de mel. Nessa visita, Veneza não foi Veneza. Não foi a Veneza desta visita. A idade e o espírito da visita eram outros.

O tema da exposição e a razão da exposição ser numa prisão feminina eram, em si, todo um mistério que acrescenta tudo aos mistérios de Veneza, aos enigmas, à magia e à sua impossível beleza.

A visita foi guiada por duas detidas: uma na casa dos mais de cinquenta e outra na casa dos quarenta. Uma falava italiano; outra falava italiano, inglês e alemão.

O protocolo foi o que tinha de ser num ambiente prisional. Havia um molho de chaves grossas que faziam o barulho dos filmes nas prisões, nas mãos de uma jovem, de uma guarda prisional de baixa idade, com uns óculos de massa e de estatura mediana. Uma mulher bonita e com um sorriso indeciso. As detidas tinham sido formadas e sabiam tudo sobre a exposição. A sua explanação, a exposição da exposição, a meta exposição por elas interpretada foi emocionante.

A mostra — comissariada por Dom Tolentino — teve curadoria de Chiara Parisi.

O título: “*With my eyes*”. O pavilhão da Santa Sé na Bienal foi o espaço da prisão. A prisão e o pavilhão estão na ilha Giudecca. Da parte de fora da prisão estava um mural do artista Maurizio Cattelan, a toda a altura do edifício, que será de mais de vinte metros, em todo o alçado: dois pés. Apenas dois pés. A “sola dos pés” nua. Pés nus. Toda a geografia marcada nos pés, que ora são lavados, ora não. Os pés e toda a vida marcada na palma dos pés. É uma peça de brutal beleza, de provocação e de interpelação. A peça chama-se “*Father*”. Os pés humildes, tipo os pés de Caravaggio e Mantegna.

Os outros artistas presentes foram Simone Fatal, que escreve e recria poemas e frases das detidas; Corita Kent, freira e artista de arte pop com muitos anos de vida num registo Andy Warhol; e Claire Fontaine, com uma peça em *néon* — um olho com uma linha, uma barra da mesma luz, na diagonal, instalada no fim de um corredor estreito, um corredor entre a parede de vedação e da parede do edifício em tijolo de burro, com muita história para contar. Um corredor com mais de cem metros e, no fundo, um olho. Claire Fontaine, com uma peça de luz instalada no principal pátio da prisão, virado para todas

as celas, habitadas por muitas detidas por cela. A peça azul é uma frase — “*siamo con voi nella notte*” (em tradução livre, “Estamos convosco durante a noite”). Há uma peça de uma artista brasileira, Sónia Gomes, que pendurou roupas coloridas das detidas numa capela.

Depois, fomos *atropelados*, sentados num pequeno espaço, para ver uma curta-metragem de Marco Perego e uma atriz (sem palavras para a caracterizar), no caso, sua mulher — Zoë Saldaña, mais as prisioneiras, como personagens reais.

A curta é um *arrombo*, tipo uma bomba atómica a explodir por dentro do peito. *Rebenta-nos* o corpo e a mente.

Nunca saio para lado nenhum, nem que seja para tomar um café, sem um livro. Levei dois para Veneza. Um, escrito por Martin Hägglund, um jovem filósofo nascido na Suécia, país muito liberal na educação e na saúde. É professor de literatura comparada e humanidades na Universidade de Yale e tem uma atividade científica e social enorme para quem nasceu em 1976. O livro tem como título “*Esta Vida - Fé secular e liberdade espiritual*”. O outro livro que levei, mas que não li — dado que não deu tempo e não houve tempo para depois das mais de quatrocentas páginas do livro iniciado, “*Esta Vida*” —, tem por título “*Ensaio Sobre as Liberdades*”, de Raymond Aron.

Não pensei na liberdade aprisionada quando selecionei estes dois livros para levar comigo para uma visita guiada a uma exposição da Santa Sé na Bienal de Veneza, numa prisão feminina. Levei liberdade para um sítio privado de liberdade, e cuja intenção da exposição tinha em vista a oportunidade de não dar como perdida, de vez e de forma irreversível, a liberdade, e de haver, no tempo das detidas, uma nesga que atravessasse o pensamento destas mulheres, através da arte, para a descoberta da liberdade íntima e da liberdade espiritual. Na prisão, espera-se o que não existe: a liberdade da cabeça e do corpo, com todos os seus sentidos. A esperança que — como nos ensinou o autor Tolentino Mendonça — é esperar o que ainda não existe. Esperar a liberdade física não impossibilita a sede de liberdade íntima.

A minha experiência em prisões já tinha tido um batismo. Várias vezes respondemos a “participar” nas melhorias físicas da prisão de Braga. Fizemos, também, uma residência artística na cadeia de Braga. Numa outra experiência, fui convidado pelo João Torres — um padre com um coração imensurável — para falar com os presos num projeto que criou. Falei de esperança a partir da “*Metamorfose Necessária*”, de Tolentino Mendonça.

Haveria de acontecer uma nova oportunidade. Tudo se iniciou num encontro no aeroporto do Porto. Fiquei chocado quando soube que Dom Tolentino fez a viagem de Lisboa ao Porto de avião para falar comigo e para me falar do jubileu das prisões e, logo de seguida, tomar o avião para Lisboa. Fomos, nesse encontro, convidados a ser o mecenas em Portugal de uma experiência de residência artística num estabelecimento prisional. Disse que sim. Acrescentei mais um estabelecimento prisional: um de mulheres ao de jovens.

A Senhora Ministra da Justiça participaria do projeto. Convidei a Helena Mendes Pereira, diretora geral da ZET, galeria de arte, para gerir o desafio. Avancei com um artista e a Helena com outro: decidimos por Francisco Vidal e Fernanda Fragateiro.

A Fernanda ficaria com a de Tires. A Fernanda é uma artista *multissensibilidades*, uma artista brilhante, cultíssima e tão boa pessoa que, ao seu lado, o mundo fica mais fácil.

O Francisco Vidal é, a meu ver, um Basquiat português. Os nomes foram aprovados. O Francisco teve de ser substituído. Ficou internado. Quando soube do que se tratava fui com a minha mulher visitar o Francisco e levar-lhe uma proposta que o ajudaria a atravessar para a planície que lhe daria alguma paz. O Francisco está a ganhar ao mal que o privou de parte dos dedos e de parte das pernas. A Helena convidou um outro excelente artista para Leiria. Ilídio Candja Candja. Um artista com um trabalho consistente que entrou no espírito que o acolheu. Trabalhou um mural com os jovens.

As razões de levar as residências de arte para o mundo do interior das prisões são da ordem da lógica, da biologia e da metafísica.

Seriam uns dias diferentes, que poderiam gerar dias diferentes, dias que passam devagar para dias que passam depressa e fazem com que a pena seja cumprida de forma mais rápida. A arte tem esse poder de tornar as penas mais breves – os castigos mais rapidamente cumpridos. Seriam dias de pacificação interior porque a arte possibilita a passagem do real para o imaginado: do impossível para o possível; do físico para o metafísico; para a espiritualidade; para o reino do belo, onde a vida fica mais fácil; para a compreensão e para a aceitação; para o umbral da esperança. A arte substitui muitos fármacos. As coisas belas funcionam melhor.

As razões que nos levam a responder positivamente a este tipo de desafios têm a ver com a consciência de que os contratos com o Estado e com os nossos trabalhadores não esgotam a nossa responsabilidade.

Há um dever adicional racional e social. Há um contrato, com os desfavorecidos e com os que vivem nas margens, que a economia tem de assumir como parte da sua responsabilidade. Queremos, afinal, cada vez mais, não nos vir a arrepender pelo que deixámos de fazer.

José Teixeira
Presidente do Conselho de Administração do dstgroup



Art at the Jubilee of prisons

One day, I was invited to visit the Holy See's "pavilion" at the Venice Art Biennale. I went with my wife. We were welcomed at the door of the "pavilion" by our host, His Eminence Tolentino Mendonça. He was accompanied by Father Mário Rui and a few other guests.

Venice is Venice, but it was not the Venice of my memory from 32 years ago.

The first time we visited Venice was on our honeymoon. On that visit, Venice was not Venice. It was not the Venice of this visit. The age and spirit of the visit were different.

The theme of the exhibition and the reason for its being held in a women's prison were, in themselves, a complete mystery that added to the mysteries of Venice, its enigmas, its magic, and its impossible beauty.

The visit was guided by two inmates: one in her fifties and the other in her forties. One spoke Italian, the other spoke Italian, English, and German.

The protocol was what it had to be in a prison environment. There was a bunch of thick keys that made the noise of prison movies, in the hands of a young woman, a young correctional officer, with thick glasses and of medium height. A beautiful woman with an indecisive smile. The inmates had been trained and knew everything about the exhibition. Their explanation, the exhibition of the exhibition, the meta-exhibition interpreted by them, was exciting.

The exhibition—thought by His Eminence Tolentino—was curated by Chiara Parisi.

The title: "With my eyes." The Holy See pavilion at the Biennale was the prison space. The prison and the pavilion are on the island of Giudecca. Outside the prison was a mural by artist Maurizio Cattelan, covering the entire height of the building, which is over twenty meters high, across the whole elevation: two feet. Just two feet. The bare "soles of the feet." Bare feet. All the geography marked on the feet, which are sometimes washed, sometimes not. The feet and all of life are marked on the soles of the feet. It is a piece of brutal beauty, provocation, and questioning. The piece is called "Father." The humble feet, like the feet of Caravaggio and Mantegna.

The other artists present were Simone Fatal, who writes and recreates poems and phrases by female prisoners; Corita Kent, a nun and pop art artist who has spent many years living in an Andy Warhol register; and Claire Fontaine, with a neon piece—an eye with a line, a bar of the same light, diagonally installed at the end of a narrow corridor, a corridor between the fence wall and the wall of the brick building, with a lot of history to tell. A corridor over a hundred meters long and, at the end, an eye. Claire Fontaine, with a light installation in the main

courtyard of the prison, facing all the cells, inhabited by many inmates per cell. The blue piece is a phrase — "siamo con voi nella notte" (loosely translated, "We are with you during the night"). There is a piece by Brazilian artist Sônia Gomes, who hung colourful clothes belonging to the inmates in a chapel.

Then we were overwhelmed, sitting in a small space, watching a short film by Marco Perego and an actress (for whom I have no words to describe), in this case, his wife, Zoë Saldaña, plus the prisoners, as real characters.

The short film is a blast, like an atomic bomb exploding inside your chest. It blows up your body and mind.

I never go anywhere, not even for a coffee, without a book. I took two to Venice. One was written by Martin Hägglund, a young philosopher born in Sweden, a very liberal country in terms of education and healthcare. He is a professor of comparative literature and humanities at Yale University and has an enormous scientific and social output for someone born in 1976. The book is titled "This Life: Secular Faith and Spiritual Freedom." The other book I took but didn't read—since I didn't have time and there was no time after the more than 400 pages of the book I started, "This Life"—is titled "An Essay on Freedom" by Raymond Aron.

I did not think about imprisoned freedom when I selected these two books to take with me on a guided tour of an exhibition by the Holy See at the Venice Biennale, in a women's prison. I took freedom to a place deprived of freedom, and the exhibition intended to provide an opportunity not to give up on freedom as lost, once and for all, and to offer the inmates a glimpse, through art, of the discovery of inner freedom and spiritual freedom. In prison, one hopes for what does not exist: freedom of mind and body, with all its senses. Hope, as the author Tolentino Mendonça taught us, is to hope for what does not yet exist. Hoping for physical freedom does not preclude the thirst for inner freedom.

My experience in prisons had already been baptised. Several times, we responded to "participate" in the physical improvements of the Braga prison. We also did an artistic residence in Braga prison. In another experience, I was invited by João Torres— a priest with an immeasurable heart—to speak to inmates in a project he had created. I spoke of hope based on Tolentino Mendonça's "Metamorfose Necessária" (Necessary Metamorphosis).

A new opportunity would arise. It all began at a meeting at Porto airport. I was shocked when I learned that His Eminence Tolentino had flown from Lisbon to Porto to talk to me about the prison jubilee and then flew straight back to Lisbon. At that meeting, we were invited to be the patrons in Portugal of an artistic residence experience in a prison. I said yes. I added another prison: one for women and one for young people.

The Minister of Justice would participate in the project. I invited Helena Mendes Pereira, general director of ZET, art gallery, to manage the challenge. I went ahead with one artist and Helena with another: we decided on Francisco Vidal and Fernanda Fragateiro.

Fernanda would take on the one in Tires. Fernanda is a multi-sensory artist, a brilliant artist, highly cultured, and such a good person that, when you are with her, the world seems easier.

Francisco Vidal is, in my opinion, a Portuguese Basquiat. The names were approved.

Francisco had to be replaced. He was hospitalised. When I found out what was going on, I went with my wife to visit Francisco and brought him a proposal that would help him cross over to the plain that would give him some peace. Francisco is overcoming the illness that deprived him of part of his fingers and part of his legs. Helena invited another excellent artist to Leiria: Ilídio Candja Candja. An artist with consistent work who embraced the spirit that welcomed him. He worked on a mural with the young people.

The reasons for bringing artistic residencies into the world of prisons are logical, biological, and metaphysical.

These would be different days, which could lead to different days, days that pass slowly to days that pass quickly and make the sentence seem shorter. Art has this power to make sentences shorter — punishments served more quickly. These would be days of inner peace because art enables the transition from the real to the imagined: from the impossible to the possible; from the physical to the metaphysical; to spirituality; to the realm of beauty, where life becomes easier; to understanding and acceptance; to the threshold of hope. Art replaces many drugs. Beautiful things work better.

The reasons that lead us to respond positively to these kinds of challenges have to do with the awareness that contracts with the State and with our workers do not exhaust our responsibility.

There is an additional rational and social duty. There is a contract with the disadvantaged and those living on the margins that the economy must assume as part of its responsibility. After all, we increasingly want to avoid regretting what we failed to do.

José Teixeira
Chairman of the Board of Directors of dstgroup





Agentes de Esperança

Quando visitou Portugal, para a Jornada Mundial da Juventude – Lisboa 2023, o Papa Francisco trouxe esperança na palavra e no gesto. Chamou-nos, generosamente, *"cidade da esperança"*. Descreveu-nos sempre carentes de *"um pouco de luz, que forneça esperança para enfrentar tantas obscuridades que nos assaltam na vida"*. Desafiou-nos, pedindo: *"caminhemos na esperança, olhemos para as nossas raízes e continuemos para diante, sem medo"*.

A Fundação Jornada, nascida antes da JMJ e com a missão de organizar esse evento maior da nossa história recente, continua o seu caminho. O seu futuro continuará a ser estar ao lado dos jovens, com o intuito de os aproximar, capacitar e impulsionar.

O seu sonho continua a ser dar aos jovens um novo protagonismo, ajudando a gerar uma nova geração de agentes de esperança. Esse futuro da Fundação encontra nas palavras inspiradoras do Papa Francisco a sua bússola e na experiência das coisas extraordinárias realizadas pelos jovens a sua própria esperança.

Como sempre sucede, o futuro tem as suas raízes no passado e desenha-se no presente. O passado da organização da JMJ – Lisboa 2023 fala de um enorme momento de alegria, de encontro e de esperança, centrado nos jovens, mas que transformou naqueles dias toda a sociedade. As artes foram, já então, a grande linguagem que uniu gentes de todas as línguas e geografias; foram o grande veículo pelo qual se exprimiram as angústias dos jovens e, ao mesmo, a sua infinita capacidade de sonhar; elas deram à oração formas novas de se dizer e de se dar a ver. As artes, enfim, aproximaram-nos e alargaram a comunidade que somos. Esse passado da JMJ e da Fundação fez-se, também, com o contributo precioso de reclusos de três estabelecimentos prisionais portugueses (Coimbra, Paços de Ferreira e Porto), também eles participantes ativos na organização do evento. Com efeito, já então a Fundação celebrara um protocolo de colaboração com a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – Ministério de Justiça, para poder contar com o trabalho e engenho dos reclusos na produção dos confessionários usados na JMJ – Lisboa 2023 e, hoje, espalhados um pouco por todo o país. Desta forma, também os reclusos integraram essa imensa multidão que encheu Lisboa e Portugal no verão de 2023 e tomaram parte da enorme festa que foi a JMJ.

Entre a memória de um passado iluminador e o sonho de um futuro ousado, o presente da Fundação Jornada passa por cooperar, com antigos e novos parceiros, na abertura de novas *Portas de Esperança*. Voltar a estar ao lado dos reclusos, percorrendo o caminho das artes, para construir uma cidade da esperança, é a jornada que queremos continuar a fazer.

Agradeço ao Dicastério para a Cultura e a Educação por promover um projeto assim, tão fortemente enraizado no espírito do Evangelho de Jesus. Este desafio é, também,

um auxílio para o desenho desta nova fase da vida da Fundação Jornada. Agradeço ao Ministério da Justiça e à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais pela sua abertura a este trabalho conjunto e, sobretudo, pelo seu empenho em qualificar e humanizar os contextos prisionais. Agradeço à ZET, galeria de arte, e ao dstgroup todo o seu trabalho de suporte e implementação deste projeto, e pela forma como combina profissionalismo e largura de horizontes. Agradeço, enfim, aos grandes protagonistas deste projeto: os artistas e os reclusos. Uns e outros materializaram o que em todos nós seja a fome de esperança e de um caminho que a ela leve. Ao aceitarem *"sem medo"* este desafio, eles mostraram que *Portas de Esperança* são as próprias pessoas e as comunidades. Por isso, há e pode haver esperança em qualquer lugar. Onde houver gente de boa vontade, aí resplandece *"esse pouco de luz"* que, como dizia o Papa Francisco, nos dá Esperança!

Alexandre Palma
Bispo-auxiliar de Lisboa
Presidente da Direção da Fundação Jornada

Agents of Hope

When he visited Portugal for World Youth Day – Lisbon 2023, Pope Francis brought hope in his words and actions. He generously called us the “*city of hope*”. He described us as always in need of “*a little light to give us hope in facing the many dark moments that assail us in life*”. He challenged us, asking: “*Let us walk in hope, look to our roots and continue forward without fear.*”

The *Jornada* Foundation, created before World Youth Day with the mission of organising this major event in our recent history, continues on its path. Its future will continue to be alongside young people, to bring them together, empowering them and encouraging them. Its dream continues to be to give young people a new leading role, helping to generate a new generation of agents of hope. The future of the Foundation finds its compass in the inspiring words of Pope Francis and its hope in the experience of the extraordinary things achieved by young people.

As always, the future has its roots in the past and is shaped by the present. The history of the organisation of WYD – Lisbon 2023 speaks of a moment of great joy, encounter and hope, centred on young people, but which transformed the whole of society during those days. The arts were, even then, the great language that united people of all languages and geographies; they were the great vehicle through which young people expressed their anxieties and, at the same time, their infinite capacity to dream; they have given prayer new ways of expressing itself and being seen. Arts, in short, brought us closer together and broadened the community that we are.

The past of JMJ and the Foundation was also made possible thanks to the valuable contribution of inmates from three Portuguese prisons (Coimbra, Paços de Ferreira and Porto), who were also active participants in the organisation of the event. In fact, the Foundation had already signed a collaboration agreement with the Directorate-General for Reintegration and Prison Services – Ministry of Justice, to be able to count on the work and resourcefulness of the inmates in the production of the confessionals used at WYD – Lisbon 2023 and which are now scattered throughout the country. In this way, the inmates also joined the huge crowd that filled Lisbon and Portugal in the summer of 2023 and took part in the enormous celebration that was WYD.

Between the memory of an enlightening past and the dream of a bold future, the present of the *Jornada* Foundation involves cooperating with old and new partners to open new *Doors of Hope*. Returning to stand alongside prisoners, walking the path of the arts to build a city of hope, is the journey we want to continue on.

I am grateful to the Dicastery for Culture and Education for promoting such a project, so deeply rooted in the spirit of

the Gospel of Jesus. This challenge is also an aid in shaping this new phase in the life of the *Jornada* Foundation. I would like to thank the Ministry of Justice and the Directorate-General for Reintegration and Prison Services for their openness to this joint effort and, above all, for their commitment to improving and humanising prison conditions. I would like to thank ZET, the art gallery, and the dstgroup for all their work in supporting and implementing this project, and for the way they combine professionalism and broad horizons. Finally, I would like to thank the main protagonists of this project: the artists and the inmates. Both have given shape to what we all feel: a hunger for hope and a path that leads to it. By accepting this challenge “without fear”, they showed that *Doors of Hope* are the people and communities themselves. That is why there is and can be hope everywhere. Where there are people of goodwill, there shines “*that little light*” which, as Pope Francis said, gives us Hope!

Alexandre Palma
Auxiliary Bishop of Lisbon
Chairman of the Board of the *Jornada* Foundation





O Jubileu e as Prisões - Projeto “Portas da Esperança”

No contexto do Jubileu 2025, o Dicastério para a Cultura e a Educação lançou um programa que procura unir a arte contemporânea aos contextos prisionais, transformando-os em espaços de esperança, reinserção, diálogo e visibilidade. O projeto teve início com a criação e colocação simbólica de portas em vários estabelecimentos prisionais em Itália — as “Portas da Esperança”, concebidas como portais artísticos que representam a passagem, a abertura e a possibilidade de um novo começo.

De acordo com a proposta do Dicastério, estas portas seriam o núcleo simbólico do projeto: obras criadas em diálogo com as comunidades prisionais, envolvendo os reclusos num processo criativo que dá voz às suas vivências e aspirações.

Em Portugal, a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) aderiu de imediato à iniciativa, participando com dois estabelecimentos: o Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens (a conhecida “Prisão-Escola”) e o Estabelecimento Prisional Feminino de Tires. A estes espaços chegou a arte como instrumento de encontro, expressão e transformação.

Não poderíamos deixar de aceitar um convite com tamanha força simbólica e humana. Sentimo-nos honrados por integrar um projeto que pretende transformar, alcançar e tocar o mais profundo da existência humana, acreditando que a arte é, por excelência, um caminho para esse destino. Destino esse que se entende como a sucessão de acontecimentos que moldam uma vida - o futuro, o propósito, o lugar onde se está e de onde se deseja sair em busca de algo maior.

Queremos ser agentes de mudança desse destino, ajudando os nossos destinatários a encontrarem novas direções, novas possibilidades, novos significados. Eles próprios desejam isso: oportunidades diferentes e a capacidade de as abraçar plenamente.

Sabemos que o processo é complexo. Podemos intervir, apoiar e estimular a capacidade de mudança de cada indivíduo, mas não podemos, sozinhos, transformar a sociedade ou eliminar os preconceitos que persistem.

Os contextos familiares e sociais de onde estas pessoas provêm são, muitas vezes, os mesmos - ou já não existem. E, perante essa solidão, o desafio de mudar é ainda maior. Por isso, acreditamos que a arte desempenha aqui um papel essencial: ela convida ao autoconhecimento, à reconciliação e ao perdão, oferecendo um tempo e um espaço para o reencontro consigo mesmo — e para a construção de um futuro melhor.

Acreditamos, acima de tudo, que as pessoas não são o lugar onde estão. Cada uma delas vale por si, pelo que faz da sua vida e pela capacidade que tem de a transformar.

E é nessa crença que se ergue o verdadeiro sentido das Portas da Esperança.

Orlando Carvalho
Diretor-Geral da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais



The Jubilee and Prisons - “Doors of Hope” Project

In the context of the 2025 Jubilee, the Dicastery for Culture and Education has launched a programme that seeks to bring contemporary art into prison settings, transforming them into spaces of hope, reintegration, dialogue and visibility.

The project began with the creation and symbolic placement of doors in various prisons in Italy — the “Doors of Hope”, conceived as artistic portals representing passage, openness, and the possibility of a new beginning.

According to the Dicastery’s proposal, these doors would be the symbolic core of the project: works created in dialogue with prison communities, involving inmates in a creative process that gives voice to their experiences and aspirations.

In Portugal, the Directorate-General for Reintegration and Prison Services (DGRSP) immediately joined the initiative, participating with two establishments: the Leiria Correctional Facility for Youth (known as the “Prison-School”) and the Tires Women’s Prison. Art arrived at these spaces as an instrument of encounter, expression and transformation.

We could not refuse an invitation with such symbolic and human significance. We feel honoured to be part of a project that aims to transform, reach and touch the deepest part of human existence, believing that art is, *par excellence*, a path to that destination. That destination is understood as the succession of events that shape a life - the future, the purpose, the place where one is and from where one wishes to leave in search of something greater.

We want to be agents of change in this destiny, helping our recipients find new directions, new possibilities, new meanings. They themselves desire this: different opportunities and the ability to embrace them fully.

We know that the process is complex. We can intervene, support and encourage each individual’s capacity for change, but we cannot, on our own, transform society or eliminate persistent prejudices.

The family and social contexts from which these people come are often the same or no longer exist. And in the face of this loneliness, the challenge of change is even greater. That is why we believe that art plays an essential role here: it invites self-knowledge, reconciliation and forgiveness, offering time and space for rediscovering oneself — and for building a better future.

Above all, we believe that people are not defined by where they are. Each person is valuable in their own way, for what they do with their lives and for their ability to transform them. It is on this belief that the true meaning of Doors of Hope is built.

Orlando Carvalho
General Director of the Directorate-General for Reintegration and Prison Services

Infinito

tenho um infinita
dentro de mim.

- As vezes dorme
as vezes canta

quando o pe

As portas que a poesia abriu: a ZET e Portugal no Jubileu da Esperança 2025 – Projeto “As Portas da Esperança”

“A esperança não é um lenitivo que adormece a dor até que ganhemos coragem para tratar a sério da vida, mas uma força que já hoje nos motiva para a transformação da história. A esperança não é um adiamento, mas um compromisso. Não é uma abstração idealizada, mas um dinamismo concreto, uma laboriosidade, um fazer. Precisamos de uma educação para a esperança.”¹

A abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro no Vaticano, no dia 24 de dezembro de 2024, marcou, simbolicamente, o arranque do Jubileu 2025, Ano Santo 2025, que tem como tema “Peregrinos da Esperança” e vem da sequência da bula promulgada meses antes pelo Papa Francisco (Argentina, 1936-2025), intitulada “*Spes non confudit / A esperança nunca desilude*”, que convidada os reclusos a olhar “*o futuro com esperança e renovado compromisso de vida*”.

Seguiram-se outras aberturas de Portas Santas, noutras Basílicas-Papais em Roma, e, em 26 de dezembro de 2024, o Papa Francisco abriu também uma Porta Santa na Prisão de Rebibbia, em Roma, num sinal concreto de proximidade aos reclusos.

A missiva seguia o alinhamento do Pavilhão da Santa Sé, na edição 60 de *La Biennale di Venezia* (a bienal internacional de arte, entenda-se), que estava situado na prisão feminina da ilha da Giudecca, em Veneza, com um projeto que tinha como título “*Con i miei occhi / Com os meus olhos*”. Era centrado “*na figura dos últimos, os marginalizados, os invisíveis*”, com o desejo da promoção de uma “*cultura de encontro*”, e tinha como comissário o poeta e cardeal José Tolentino Mendonça (Portugal, 1965), Perfeito do Dicastério para a Cultura e a Educação, na Santa Sé.²

Neste sentido, no âmbito do Jubileu 2025, o Dicastério para a Cultura e a Educação lançou um programa com o objetivo de relacionar a arte contemporânea aos contextos prisionais, transformando-os em lugares de esperança, reinserção, diálogo e visibilidade, algo que o cardeal José Tolentino Mendonça justificou assim:

“A arte não é um luxo, mas uma necessidade do espírito. Não é uma fuga, mas uma responsabilidade, um convite à ação, uma lembrança, um grito.”³

De acordo com a proposta do Dicastério, o núcleo simbólico deste projeto seriam as “Portas da Esperança”, ou seja, entradas ou portais artísticos a serem instalados nos estabelecimentos prisionais e concebidos e criados em diálogo com as comunidades prisionais. São, assim, oito os estabelecimentos prisionais italianos envolvidos, aos quais

juntamos dois portugueses, em projetos com curadoria da ZET, galeria de arte, fundada por José Teixeira, CEO do dstgroup: o Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens (“Prisão-Escola” de Leiria) e o Estabelecimento Prisional de Tires.

Porquê o dstgroup e porquê a ZET? Respondo com a pergunta habitual: porque é que fazemos o que fazemos? Porque é que decidimos, não apenas patrocinar, mas curar e organizar, naturalmente em total articulação com o Ministério da Justiça, a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e a Fundação Jornada, a participação portuguesa na ação cultural deste Ano Santo de 2025? Deixei a resposta (longa) à pergunta para José Teixeira, mas sei que, por um lado, não poderíamos negar um convite de Tolentino Mendonça, cuja poesia e exemplo tantas vezes nos serve de inspiração e alento; por outro, trabalhar em projetos artísticos com aqueles que a sociedade coloca no fim da página, na última linha das suas prioridades, não nos era estranho, mas antes parte da nossa história.

Em 2018, a ZET promoveu uma residência artística de Ricardo de Campos (Portugal, 1977), no Estabelecimento Prisional de Braga, da qual resultou a obra “*Revolta*”, que se encontra no campus de Gualtar da Universidade do Minho. Têm sido igualmente regulares, nos dois últimos anos, as ações relacionadas com a leitura, as “Consultas Poéticas”, promovidas pelo dstgroup nos Estabelecimentos Prisionais de Braga e Guimarães. Eu, que encabeço a curadoria do projeto em Portugal, na qualidade de diretora-geral da ZET, fiz voluntariado em 2013 no Estabelecimento Prisional de São Cruz do Bispo, uma cadeia feminina que, tal como Tires, tem a valência “Casa das Mães”, destinada a reclusas em período de gestação ou com filhos até aos três anos de idade. Em 2024, assinei o prefácio do livro infantil “*Todos temos UM-BIGO*”, de Mariana Jones (Portugal, 1984), apresentado em Tires, que nasce de um projeto desenvolvido com estas *mulheres-mães-reclusas*.

Entre os 49 estabelecimentos prisionais sob tutela da DGRSP (Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais), porquê escolher a Prisão-Escola de Leiria e Tires? Priorizar os jovens fazia parte do *caderno de encargos* de D. Tolentino Mendonça e, dado o histórico, trabalhar com estas mulheres-mães-reclusas era-nos absolutamente essencial. A negociação foi fácil e com o cardeal e poeta abriríamos as portas da esperança, temática que trabalharíamos de forma não literal, dando aos artistas convidados total liberdade para o desenvolvimento das propostas, sendo apenas obrigatório que todo o processo fosse coletivo e partilhado, tendo nos reclusos e reclusas coautores e não apenas recetores.

O nome dos artistas a convidar foi-nos (quase) imediato: era obrigatório que, além de linguagens e estéticas adequadas aos lugares e às suas arquiteturas, fossem seres humanos generosos e socialmente sensíveis, em níveis muito acima da média. O Ilídio Candja Candja (Moçambique, 1976) para a Prisão-Escola de Leiria e a Fernanda Fragateiro (Portugal, 1962) para a Casa das Mães, em Tires, eram, de facto, ideais.

Na primeira visita técnica à Prisão-Escola de Leiria, em que tudo tinha sido preparado para nos mostrar o que ali é feito para formar estes jovens e lhes fornecer ferramentas que, depois da pena cumprida, lhes permita reintegrarem-se socialmente, percebemos o papel dos projetos artísticos para que esperança não desvaneça e convide à ação, como nos pede Tolentino Mendonça. Na biblioteca, fui surpreendida por um jovem que tinha um poema para recitar: “*O Sonho*”, de Sebastião da Gama (Portugal, 1924-1952).

1 MENDONÇA, José Tolentino, “A esperança digna de espanto” in <https://centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/desdobramentos/a-esperanca-digna-de-espanto>, em 20 de outubro de 2025.

2 “Santa Sede” in PIETRAGNOLI, Maddalena (coordenação). *Stranieri Ovunque. La Biennale di Venezia. Partecipazione Nazionali, Eventi Collaterali*. Páginas 72 e 73.

3 <https://setemargens.com/a-arte-nao-e-um-luxo-mas-uma-necessidade-do-espírito-nao-e-uma-fuga-mas-uma-responsabilidade-um-convite-a-acao-uma-lembranca-um-grito-tolentino-de-mendonca-cardeal/>, em 24 de outubro de 2025.

*"Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e do que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
– Partimos. Vamos. Somos."*

A direção da Prisão-Escola de Leiria partilhou connosco a vontade de ver um muro exterior intervencionado. Seria um projeto que poderia entusiasmar os jovens e que traria uma nova energia àquele lugar. Era um desafio adequado à plasticidade e método de trabalho do Candja, que somaria ao muro a produção de uma obra coletiva móvel, que pudéssemos posteriormente exibir em local público a designar, ampliando as vozes caladas dentro dos muros daquele estabelecimento.

Candja nasceu em Maputo e foi na Escola Nacional de Artes Visuais da capital moçambicana que recebeu a sua formação artística. Após várias exposições na sua terra natal, começa a expor em Portugal, tendo optado por se mudar para o Porto há mais de duas décadas, onde entendeu ter outras condições para o desenvolvimento da sua prática artística e promoção do seu trabalho. A sua produção artística tem por base o cruzamento de tecnologias como o desenho, a pintura, a colagem e a instalação, trabalhando a partir da combinação do gesto expressionista, com o recurso a padrões e carimbos, sendo importante a presença da palavra, em exercícios de cor vibrante e que recuperam, visualmente e simbolicamente, as metamorfoses da *tropicalidade*, da viagem e da resistência. Junta à qualidade plástica da sua obra, características humanas que o vocacionam para o trabalho coletivo e colaborativo, tendo sido notório, desde o primeiro dia, a empatia com os jovens e a capacidade de gerir expectativas e de os envolver em todo o processo.

Ilídio Candja esteve em residência artística entre 15 e 30 de setembro de 2025, trabalhando ininterruptamente com cerca de 15 jovens que manifestaram interesse em participar no projeto. O processo combinou a produção prévia de desenhos individuais, em que exploraram as técnicas e as temáticas, e a posterior composição no muro, previamente definido. Parte dos elementos surgidos nos desenhos foram, depois, transferidos para o muro onde, sobre um grande pano de fundo amarelo,

se combinam elementos geométricos, figurativos e esfumados de outras cores. A leitura da obra *"Inclusão: menos muros, mais Liberdade"* é indissociável da observação dos desenhos que, assemblados, formam a obra *"Pelo sonho é que vamos"*. Em Leiria, não criámos portas, mas transformámos um muro, simbolizando o dia em que a vida destes jovens voltará a ter dias sem muros, numa sociedade que – desejamos – lhes abra as portas a oportunidades, aos sonhos, à esperança.

Dessas visitas, para acompanhamento do projeto, à Prisão-Escola de Leiria e ao Estabelecimento Prisional de Tires, regressei sempre a Braga com emoções misturadas e com muitas palavras, textos inteiros na cabeça. Foi recorrente a leitura e releitura da obra de Adela Cortina (Espanha, 1947) e do seu conceito de *"Aporofobia"* que, inclusive, conseguiu inscrever dicionário da Real Academia Espanhola, em 2017.

Aporofobia vem do grego *áporos* (pobre, sem recursos) e *phobos* (medo, rejeição) e significa rejeição, medo ou aversão aos pobres, ou seja, a todos aqueles que não têm meios económicos ou sociais para oferecer alguma coisa em troca. Em *"Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia"*, a filósofa defende que a sociedade costuma disfarçar a aporofobia com outras formas de discriminação (racismo, xenofobia, etc.), quando na verdade o que nos incomoda não é a diferença, mas a falta de poder. A aporofobia é um preconceito económico e moral e não apenas cultural e étnico. Cortina apoia-se na ética da razão cordial, que combina racionalidade e empatia, defendendo que a justiça exige reconhecimento e hospitalidade e não apenas regras. A aporofobia explica, por exemplo, a marginalização dos sem-abrigo, dos migrantes pobres e de outros excluídos sociais, sendo uma forma de discriminação, à semelhança do racismo ou do sexismo. A aporofobia é o preconceito contra quem nada tem, sendo que o verdadeiro problema não é o "outro", mas a pobreza. Lutar contra a aporofobia é lutar por uma sociedade justa, inclusiva e verdadeiramente humana.

Adela Cortina argumenta, ainda, que a pobreza está intimamente ligada à perda de liberdade real. Ou seja, em tese, todas as pessoas são livres e iguais perante a lei, mas, na prática, quem vive na pobreza não tem condições reais para exercer essa liberdade: a aporofobia destrói a liberdade, transformando a igualdade formal em ilusão. Sem condições de vida dignas, a liberdade torna-se privilégio de poucos e não direito de todos. Citando Amartya Sen (Índia, 1933): *"a pobreza é, afinal, falta de liberdade."*⁴

*"Não há dúvida de que a pobreza introduz a discriminação negativa entre as pessoas em capacidades tão básicas quanto a de organizar suas próprias vidas e buscar a felicidade, porque apenas uma parte da humanidade tem os meios para isso. Então surge a questão que levantamos anteriormente: é uma obrigação de justiça para as sociedades proporcionar aos membros as oportunidades necessárias para que possam ser agentes de suas vidas, seres autónomos e não heterónomos, capazes de se propor projetos de vida feliz e de tentar realizá-los? É uma questão que só faz sentido se a pobreza for realmente evitável no século XXI."*⁵

O que têm em comum estes jovens presos em Leiria e estas mulheres como eu, mães como eu, presas em Tires? A resposta é simples e está espelhada na caracterização que os próprios estabelecimentos prisionais têm dos seus reclusos: a pobreza. De uma forma geral, estamos a falar de contextos socialmente

4 SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Citado em CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. São Paulo: Contra Corrente, 2022 (2ª edição). Página 152.

5 CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. São Paulo: Contra Corrente, 2022 (2ª edição). Página 153.

desfavorecidos, de famílias desestruturadas, de pouca escolaridade e de uma carência de diferentes níveis que leva a situações extremas. Estamos a falar de um elevador social que não existe e da mentira da meritocracia, sobre a qual nos esclarece Michael J. Sandel (EUA, 1953):

“Penso nas formas quotidianas como pais conscientes e abastados ajudam os seus filhos. Mesmo o melhor e mais inclusivo sistema educativo teria dificuldade em preparar alunos de origens pobres para competir em igualdade de condições com crianças de famílias que lhes dedicam abundante atenção, recursos e conexões.”⁶

Ainda assim, sem Estado e sem políticas públicas humanistas, inclusivas e fortes, não há, sequer, elevador social. É preciso redistribuir melhor a riqueza, promover o trabalho digno e, sem dúvida, ter um sistema de ensino robusto e com uma visão holística em que as Artes e as Humanidades têm um papel essencial. A participação ativa da sociedade civil é essencial e as empresas devem multiplicar-se e ampliar a sua responsabilidade social. Há décadas que o dstgroup conhece e concretiza o seu papel, que o escritor Leo Rosten (Polónia, 1908-1997) tão bem descreve:

“Não posso acreditar que a finalidade da vida seja ser ‘feliz’. Acho que a finalidade da vida é ser útil, ser responsável, ser honrado, ser solidário. É, acima de tudo, fazer parte: fazer-se ouvir, defender algo, viver honrando a dívida de ter existido fazendo a diferença.”⁷

A escolha dos artistas, que marcam a história da ZET ao longo dos anos, também foi sendo pautada por esta cumplicidade nos valores, nas causas, numa vontade de mudar o mundo. Toda a obra de Fernanda Fragateiro, em particular, as intervenções em espaço público, é marcada por uma elevada consciência social e por um posicionamento político que a coloca sempre do lado dos desprivilegiados, dos invisíveis. Fernanda Fragateiro já era ativista enquanto estudante, deixando-se inundar pelo espírito revolucionário e transformador do 25 de abril de 1974. As questões da igualdade e equidade de género marcaram as suas lutas, tendo organizado exposições só com outras artistas mulheres, recusando o primado do patriarcado e procurando construir um espaço que fosse seu. O caminho leva-a a espaços alternativos de exposição, ao espaço público e a uma inevitável relação com diferentes contextos e comunidades. Na profusão, a artista, autora, mulher, aprende os códigos do sistema e procura contrariá-lo, ligar-se, inscrever-se sem deixar o que a distingue, sem cair em fórmulas. Fernanda Fragateiro pensa os espaços de exposição, os contextos de apresentação, observa o tempo, desenha à medida. A arquitetura e o design são referenciais no seu processo.

Artista multidisciplinar, atuando sobre diferentes materiais, a sua obra, eminentemente escultórica, tem, do ponto de vista estético, uma clara influência do modernismo e da escola Bauhaus. Com um currículo internacional e um reconhecimento unânime, é um dos mais relevantes nomes da sua geração, acumulando a atividade como docente do ensino superior com um vasto de número de exposições e projetos. As suas linhas, cruzamentos, encontros, texturas, cores, referências ou homenagens são a sua linguagem singular e, no primeiro contacto com o Estabelecimento Prisional de Tires, complexo construído inicialmente em 1953, pareceu-me que a arquitetura do lugar tinha pontos de contacto com a linguagem de Fernanda Fragateiro e que as suas cores planas, as suas palavras, acrescentariam a extrema urgência do abstrato e da imaginação. A intervenção recente da artista na Escola Secundária de Camões (Lisboa, 2024)⁸, bem como o projeto *“In the vocabulary of profit, there is no word for ‘pity’”* (Portimão, 2008), eram referências importantes para o que poderia surgir em Tires.

A residência artística da Fernanda Fragateiro teve uma extensão diferente no tempo, de 29 de setembro a 7 de novembro de 2025, em dois períodos semanais e com a particularidade de a Fernanda ter juntado um conjunto de voluntários ao projeto, tais como a curadora Luiza Teixeira de Freitas (Brasil, 1984), Marquesa Giraud e Oleksandr Ivanov (elementos do seu atelier) e a animadora social Maria José Barbosa. Participaram cerca de 15 mulheres-mães, sendo a presença das crianças, algumas delas recém-nascidas, recorrente em várias sessões.

A artista tinha, assim, dois pontos de partida: o contacto das reclusas com livros, nomeadamente, com a poesia e com os poetas, que serviriam de base à definição das intervenções nos espaços comuns, por um lado; o “livro ilegível” e o “livro cama”, de Bruno Munari (Itália, 1907-1998), por outro.

Por partes, começando pelas palavras e pelos poemas:

- 1 Entrega a cada reclusa de uma lista de palavras.
- 2 Foi pedido que cada uma escolhesse 10 palavras.
- 3 A partir das escolhas individuais, a Luiza Teixeira de Freitas selecionou um excerto de um poema que integrasse as palavras.
- 4 Foi pedido que, de entre os 10 poemas escolhidos para cada uma, ela seleccionasse duas frases/versos.
- 5 Dos poemas escolhidos, foi pedido que seleccionassem uma ou duas frases/versos.
- 6 Do conjunto de frases/versos, foram selecionadas mais de uma dezena para serem pintados nos espaços comuns.
- 7 Das 10 palavras que cada uma tinha escolhido, voltaram a escolher uma para pintar na parte de dentro da porta da cela.
- 8 As restantes palavras foram pintadas ao longo dos espaços comuns.
- 9 As frases/versos que foram escolhidos foram pintadas em locais definidos coletivamente, sendo a maioria das decisões das reclusas. A artista apenas determinou uma frase/verso e um local.
- 10 Para além das pinturas das frases, foram realizadas pinturas monocromáticas em vários espaços comuns, a exemplo da intervenção na Escola Secundária de Camões.

6 SANDEL, Michael J. *A Tirania do Mérito: o que aconteceu ao bem comum?* Lisboa: Editorial Presença, 2022. Página 207.

7 Citado em BREGMAN, Rutger. *Ambição Moral*. Lisboa: Bertrand Editora, 2025. Página 9.

8 <https://fernandafragateiro.com/A-Paleta-e-o-Mundo-2024> em 20 de outubro de 2025.

Numa das visitas técnicas a Tires, tropecei num dos poemas escolhidos durante o processo, de Ruy Belo (Portugal, 1933-1978):

*"Alegria
A alegria é isto
caminhar devagar
e saber que a vida
ainda é possível"*

Em 1949, Bruno Munari começou a desenhar os seus "*libri illeggibili*" (livros ilegíveis), que abandonaram o exclusivo da comunicação através do texto. Nestes seus livros, o papel não é utilizado para suportar texto, mas para comunicar uma mensagem através da forma, da cor, dos cortes e da sua sucessão. Os elementos tradicionais do livro, como o cólofon e a página de título, são excluídos e a leitura acontece como uma melodia, com tons diferentes na sequência das páginas.

"O objetivo desta experimentação foi ver se é possível usar o material com que se faz um livro (excluindo o texto) como linguagem visual. O problema, portanto, é: pode-se comunicar, visual e taticilmente, apenas com os meios editoriais de produção de um livro? Ou: o livro como objeto, independente das palavras impressas, pode comunicar alguma coisa? O quê?"⁹

Em 1993, com o "*Libro Letto*" ("Livro Cama"), Munari cria um livro de artista feito com tecidos, cujas páginas são unidas por fechos e que pode ter várias configurações, funcionando como uma cama.

Pensando nas mães e nas crianças de Tires e na criação de lugares em que as memórias também sejam feitas de afago e cores, o projeto das almofadas, que partem de cartolinas de 70x70 cm, cujas cores foram criteriosamente escolhidas pela Fernanda Fragateiro, também formam grande painel. As cartolinas foram trabalhadas com formas geométricas e cores vivas, lembrando Munari, e a sua passagem a têxtil é da responsabilidade da oficina de costura do Estabelecimento Prisional de Tires. Todo o material sobranete está a ser utilizando pelas reclusas para decoração interior das celas e para produzir pequenas almofadas para as crianças. Também a biblioteca da "Casa das Mães" está a ser reorganizada com os livros que a Fernanda Fragateiro sugeriu, levados por nós e outros doados pela Fundação de Serralves.

Desde o primeiro momento de interação da artista com as reclusas, foi manifestada a vontade de todas de transformar as portas das celas, que se fecham no final do dia, para descanso das mães e das crianças, encerrando, simbolicamente, os sonhos e lacerando a imaginação. São portas pesadas, em ferro,

com as marcas e o desgaste do tempo. A residência artística da Fernanda Fragateiro ganhou, então, novo desafio com a pintura das 20 portas das 20 celas, com uma seleção de cores feita pela artista e que se alinham com aquilo que é a sua paleta preferencial. O conjunto da intervenção, "*Eu quero um sol mais sol que o sol*", surgiu a partir do trabalho feito pelas reclusas, sob orientação da Fernanda Fragateiro, que contou com a ajuda da equipa de manutenção de Tires, o que é sintomático de toda a boa vontade, cooperação e generosidade de que este projeto foi alvo por parte de todos os trabalhadores afetos à DGRSP que connosco e com os nossos artistas se cruzaram. Obrigada. Muito obrigada.

"*As Portas Que Abril Abriu*" é um poema de 1975 de José Carlos Ary dos Santos (Portugal, 1936-1984), que celebra a Revolução dos Cravos e se afirma como uma espécie de crónica daqueles dias de esperança e Liberdade. Neste projeto, as nossas portas foram sempre abertas pelos poetas e pela poesia: pelo Cardeal Tolentino Mendonça, que nos desafiou; pelo poema de Sebastião da Gama, que nos acolheu e que trazia uma mensagem; pelos poemas que serviram de mote à intervenção com a Fernanda Fragateiro (o do Ruy Belo e todos os outros que agora podemos ler nas paredes de Tires); e por todos os dias em que a poesia nos salva da rudeza da vida e nos apela à imaginação.

Helena Mendes Pereira
Diretora-Geral da ZET, galeria de arte

⁹ MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70, 1981. Página 221.

lar
luar
oxigênio
paraíso
nada
pérola
planície
praia
resistência
abrir rir
omance

sonho
suspiro
tempo
utopia
ver

quando dorme
conversa
flores

amado
te abraçar
o mundo
mundo

abraço

a alma é livre

tudo começa
sem começo
um olhar, e pronto:
já é destino.

ler é encontrar o mar
dentro das palavras.

é uma luz sem origem,
um silêncio que respira.

some voices never fade,
they just change the air.

o paraíso não é lugar,
é momento.

eu prefiro rir,
porque o riso também é resistência.

sei lá... abraço... abraço... abraço...

a minha resistência
é continuar a dar de comer ao gato
mesmo nos dias em que tudo dói.

talvez seja isso a eternidade:
um instante em que nada falta.

a saudade é o tempo
a tentar voltar.

o sol que procuro
não está no céu

esperar é também um movimento

desejo o mar

abraço 30

abril

alegria

amor

aura

aurora

breve

brilho 27

casa

claridade

começar

coração

déjà-vu

encontro

espaço

espera

esquecer

estrela 26

gentil

glória

harmonia 28

ideia

infinito

instante

livre 32 por 60

mar 35

memória

pensamento

nascente

natureza

neblina

ler

luar

oxigénio

paraíso

nada

pérola

planície

praia 31

luz

abrir rir

romance

saudade 25

serenidade

silêncio

sol

sonho 38

suspiro

tempo

utopia

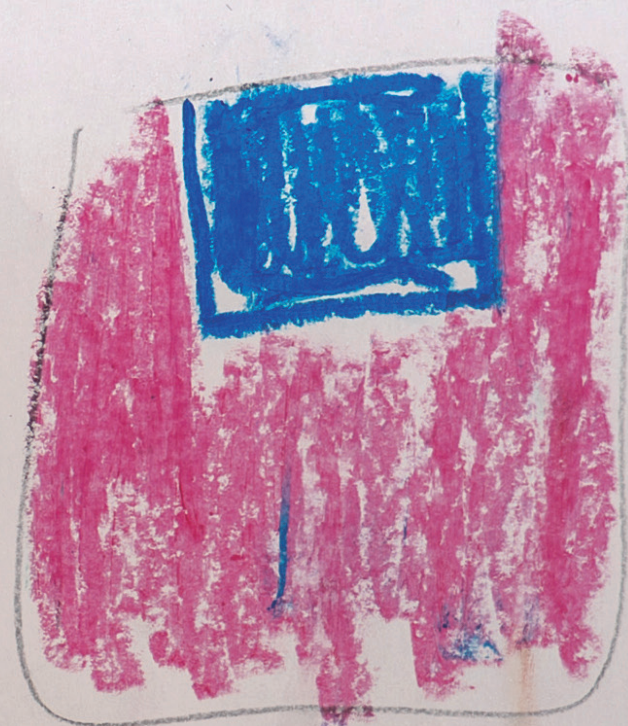
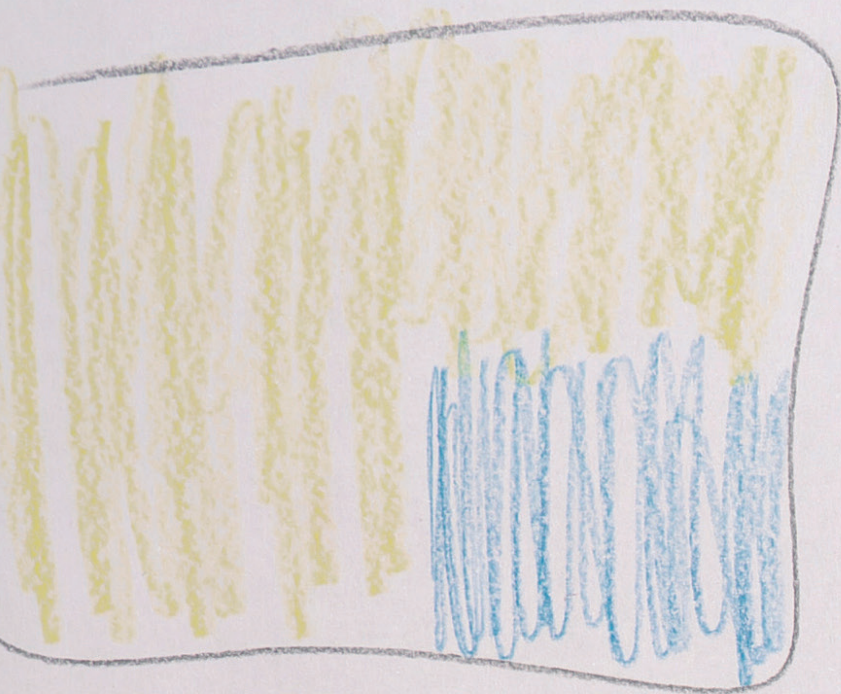
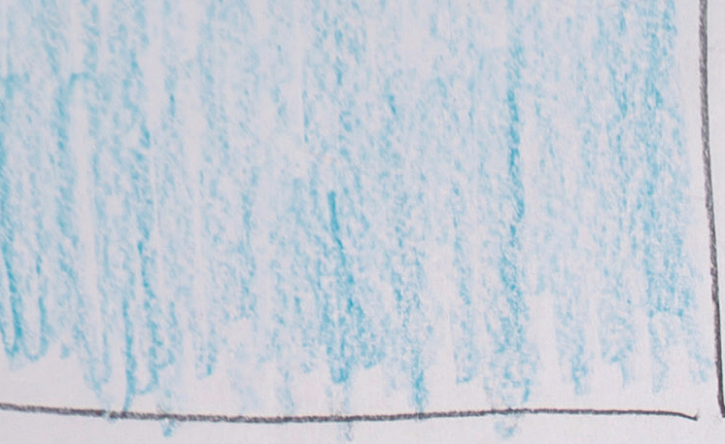
verde

voz

desejo 23

resistência 33







The doors that poetry opened: ZET and Portugal at the Jubilee of Hope 2025 – Project “The Doors of Hope”

“Hope is not a soothing balm that lulls pain to sleep until we find the courage to take life seriously, but a force that motivates us today to transform history. Hope is not a postponement, but a commitment. It is not an idealised abstraction, but a concrete dynamism, diligence, and action. We need an education for hope.”¹

The opening of the Holy Door of St. Peter’s Basilica in the Vatican on December 24th, 2024, symbolically marked the start of the Jubilee of 2025, the Holy Year, whose theme is “Pilgrims of Hope” and follows on from the bull promulgated months earlier by Pope Francis (Argentina, 1936-2025), entitled “*Spes non confundit* / Hope never disappoints”, which invites inmates to look “to the future with hope and a renewed commitment to life”.

Other Holy Doors were opened in the Papal Basilicas of Rome, and, on December 26th, 2024, Pope Francis also opened a Holy Door in the Rebibbia Prison, in Rome, as a specific sign of closeness to those deprived of freedom.

The letter followed the theme of the Holy See Pavilion at the 60th edition of *La Biennale di Venezia* (the international art biennial), which was in the women’s prison on the island of Giudecca in Venice, with a project entitled “*Con i miei occhi* / With My Eyes”. It was centered on “the figure of the least, the marginalised, the invisible” and driven by the desire to promote a “culture of encounter”. The pavilion’s curator was the poet and Cardinal José Tolentino Mendonça (Portugal, 1965), Prefect of the Dicastery for Culture and Education in the Holy See.²

In this regard, as part of the 2025 Jubilee, the Dicastery for Culture and Education launched a programme aimed at connecting contemporary art with prison contexts, transforming them into places of hope, reintegration, dialogue and visibility, something that Cardinal José Tolentino Mendonça justified as follows:

“Art is not a luxury, but a necessity of the spirit. It is not an escape, but a responsibility, an invitation to action, a reminder, a cry.”³

According to Dicastery’s proposal, the symbolic core of this project would be the “Doors of Hope”, that is, artistic entrances or portals to be installed in prison facilities and conceived and created in dialogue with prison communities. Eight Italian prisons are involved, to which two Portuguese ones are added, in projects curated by ZET, the art gallery founded by José Teixeira, CEO of the dstgroup: the Leiria Correctional Facility of Youth (“Leiria Prison-School”) and the Tires Women’s Prison.

Why dstgroup and why ZET? I will reply with the usual question: why do we do what we do? Why did we decide not only to sponsor, but also to curate and organise, naturally in full coordination with the Ministry of Justice, the Directorate-General for Reintegration and Prison Services (DGRSP) and the *Jornada* Foundation, Portugal’s participation in the cultural action of this Holy Year of 2025? I left the (lengthy) answer to the question to José Teixeira, but I know that, on the one hand, we could not refuse an invitation from Tolentino Mendonça, whose poetry and example so often serve as inspiration and encouragement to us; on the other hand, working on artistic projects with those whom society places at the bottom of the page, at the bottom of its list of priorities, was not strange to us, but rather part of our history.

In 2018, ZET promoted an artistic residence by Ricardo de Campos (Portugal, 1977) at the Braga Prison, which resulted in the work “*Revolta*” (Revolt), located on the Gualtar campus of the University of Minho. Over the last two years, there have also been regular reading activities, the “*Consultas Poéticas*” (Poetic Consultations), promoted by the dstgroup at the Braga and Guimarães Prisons. As the curator of the project in Portugal, in my capacity as general director of ZET, I volunteered in 2013 at the São Cruz do Bispo Prison, a women’s prison which, like Tires, has a “*Casa das Mães*” (Mothers’ House) facility for inmates who are pregnant or have children up to the age of three. In 2024, I wrote the preface to the children’s book “*Todos temos UM-BIGO*” by Mariana Jones (Portugal, 1984), presented in Tires, which is the result of a project developed with these women-mothers-inmates.

Among the 49 prisons under the supervision of the DGRSP, why choose the Prison-School of Leiria and Tires Prison? Prioritising young people was part of His Eminence, Tolentino Mendonça’s specifications and, given the history, working with these women-mothers--inmates was absolutely essential for us. The negotiation was easy, and with the cardinal and poet, we would open the doors of hope, a theme that we would work on in a non-literal way, giving the invited artists total freedom to develop their proposals, with the only requirement being that the whole process was collective and shared, with the inmates as co-authors and not just recipients.

The names of the artists to invite came to us (almost) immediately: it was essential that, in addition to languages and aesthetics suited to the places and their architecture, they were generous and socially sensitive human beings, way above average. Ilídio Candja Candja (Mozambique, 1976) for the Prison-School in Leiria and Fernanda Fragateiro (Portugal, 1962) for the Mother’s House in Tires were, in fact, ideal.

During our first technical visit to the Leiria Prison-School, where everything had been carefully prepared to show us what is done there to educate these young people and provide them with tools that, after serving their sentences, will enable them to reintegrate into society, we immediately understood the role of artistic projects in ensuring that hope does not fade and encouraging action, as Tolentino Mendonça urges us to do. In the library, I was surprised by a young man who had a poem to recite: “*O Sonho*” (The Dream) by Sebastião da Gama (Portugal, 1924-1952).

*“It is for the dream that we go,
moved and speechless.
Have we arrived? Have we not?
Whether there are fruits or not,
it is for the dream that we go.*

1 MENDONÇA, José Tolentino, “A esperança digna de espanto” in <https://centroloyola.org.br/revista/outras-palavras/desdobramentos/a-esperanca-digna-de-espanto>, on October 20th, 2025.

2 “Santa Sede” in PIETRAGNOLI, Maddalena (coordenação). *Stranieri Ovunque. La Biennale di Venezia. Partecipazione Nazionali, Eventi Collaterali*. Pages 72 and 73.

3 <https://setemargens.com/a-arte-nao-e-um-luxo-mas-uma-necessidade-do-espírito-nao-e-uma-fuga-mas-uma-responsabilidade-um-convite-a-acao-uma-lembranca-um-grito-tolentino-de-mendonca-cardeal/>, on October 24th, 2025.

*Faith in what we have is enough,
Hope in what we may not have
is enough.
It is enough that we give our soul,
with the same joy,
to what we do not know
and to what is part of daily life.*

*Have we arrived? Have we not?
– We set out. We go. We are.”*

The management of Leiria Prison-School shared with us their desire to see an exterior wall transformed. It would be a project capable of inspiring young inmates and bringing new energy to the place. It was a challenge suited to Candja’s artistic approach and working method, who decided to add to the wall the production of a collective mobile work that could later be exhibited in a public place to be designated, amplifying the silent voices within the walls of the establishment.

Candja was born in Maputo and received his artistic training at the National School of Visual Arts in the capital of Mozambique. After several exhibitions in his homeland, he began exhibiting in Portugal, having chosen to move to Porto more than two decades ago, where he believed he would find better conditions for developing his artistic practice and promoting his work. His artistic production is based on the intersection of technologies such as drawing, painting, collage and installation, working from a combination of expressionist gestures, with the use of patterns and stamps, and the important presence of the word, in exercises of vibrant colour that visually and symbolically recover the metamorphoses of *tropicality*, travel and resistance. In addition to the artistic quality of his work, he has human characteristics that make him suited to collective and collaborative work. From day one, his empathy with young people and his ability to manage expectations and involve them in the entire process have been evident.

Ilídio Candja was in artistic residence between September 15th and 30th, 2025, working continuously with around 15 young men who expressed an interest in participating in the project. The process combined the prior production of individual drawings, in which they explored techniques and themes, with the later composition of the mural, which had been defined in advance. Some of the elements that appeared in the drawings were then transferred to the wall, where, against a large yellow background, geometric, figurative and blurred elements of other colours were combined. The interpretation of the work **“Inclusão: menos muros, mais Liberdade”** (Inclusion: fewer walls, more freedom) is inseparable from the observation of the drawings, which, when

assembled, form the work **“Pelo sonho é que vamos”** (It is through dreams that we go). In Leiria, we did not create doors, but we transformed a wall, symbolising the day when these young people’s lives will once again be free of walls, in a society that – we hope – will open the doors to opportunities, dreams and hope.

From these visits to the Leiria Prison-School and the Tires Prison to monitor the project, I always returned to Braga with mixed emotions and many words, entire texts in my head. I repeatedly read and reread the work of Adela Cortina (Spain, 1947) and her concept of *“Aporophobia”*, which was even included in the dictionary of the Royal Spanish Academy in 2017.

Aporophobia comes from the Greek *áporos* (poor, without resources) and *phobos* (fear, rejection) and means rejection, fear or aversion to the poor, that is, to all those who do not have the economic or social means to offer anything in return. In *“Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia”* (*Aporophobia: aversion to the poor, a challenge for democracy*), the philosopher argues that society often disguises aporophobia with other forms of discrimination (racism, xenophobia, etc.), when in fact what bothers us is not difference, but lack of power. Aporophobia is an economic and moral prejudice, not merely a cultural and ethnic one.

Cortina’s thinking is grounded in an ethics of cordial reason, which combines rationality and empathy, defending the idea that justice requires recognition and hospitality, not just rules. Aporophobia explains, for example, the marginalisation of homeless people, poor migrants and other socially excluded groups, and is a form of discrimination, similar to racism or sexism. Aporophobia is prejudice against those who have nothing, and the real problem is not the “other”, but poverty. Fighting aporophobia means fighting for a fair, inclusive and truly humane society.

Adela Cortina also argues that poverty is intrinsically linked to the loss of real freedom. In theory, all people are free and equal before the law, but in practice, those living in poverty do not have the real conditions to exercise that freedom: aporophobia destroys freedom, turning formal equality into an illusion. Without decent living conditions, freedom becomes a privilege for the few and not a right for all. To quote Amartya Sen (India, 1933): *“Poverty is, ultimately, the deprivation of freedom”*⁴

*“There is no doubt that poverty brings about negative discrimination among people in capacities as basic as organising their own lives and pursuing happiness, for only a portion of humanity has the means to do so. This raises the question we posed earlier: is it a matter of justice for societies to provide their members with the necessary opportunities to be agents of their own lives, autonomous rather than heteronomous beings, capable of setting themselves projects for a happy life and attempting to realise them? This question makes sense only if poverty is indeed avoidable in the twenty-first century.”*⁵

What do these young people imprisoned in Leiria have in common with these women like me, mothers like me, imprisoned in Tires? The answer is simple and is reflected in the way the prison establishments themselves describe their inmates: poverty. Broadly speaking, we are talking about socially disadvantaged backgrounds, broken families, low levels of education, and a range of deprivations that lead to extreme situations. We are talking about a social elevator that does not exist and about the myth of meritocracy, as explained to us by Michael J. Sandel (USA, 1953):

4 SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Cited in CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. São Paulo: Contra Corrente, 2022 (2nd edition). Page 152.

5 CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. São Paulo: Contra Corrente, 2022 (2nd edition). Page 153.

*"I am thinking of the everyday ways that conscientious, well-to-do parents help their kids. Even the best, most inclusive educational system would be hard-pressed to equip students from a poor background to compete on equal terms with children from families that bestow copious amounts of attention, resources, and connections."*⁶

Even so, without the State and without strong, humanist and inclusive public policies, there is no social mobility at all. It is necessary to redistribute wealth more fairly, to promote dignified work, and undoubtedly to have a robust education system with a holistic vision in which the Arts and the Humanities play an essential role. The active participation of civil society is crucial, and companies must expand and deepen their social responsibility. For decades, the dstgroup has understood and fulfilled this role, so well described by the writer Leo Rosten (Poland, 1908–1997):

*"I cannot believe that the purpose of life is to be happy. I think the purpose of life is to be useful, to be responsible, to be compassionate. It is, above all to matter, to count, to stand for something, to have made some difference that you lived at all."*⁷

The choice of artists who have marked ZET's history over the years has also been guided by this shared commitment to values, causes and a desire to change the world. All of Fernanda Fragateiro's work, particularly her interventions in public spaces, is marked by a high level of social awareness and a political stance that always places her on the side of the underprivileged and the invisible. Fernanda Fragateiro was already an activist as a student, allowing herself to be swept up in the revolutionary and transformative spirit of the 25th of April, 1974. Issues of gender equality and equity have marked her battles, having organised exhibitions only with other female artists, rejecting the primacy of patriarchy and seeking to build a space that was hers. The path leads her to alternative exhibition spaces, to the public space and to an inevitable relationship with different contexts and communities. In profusion, the artist, author, woman, learns the codes of the system and seeks to counteract it, to connect, to inscribe herself without abandoning what distinguishes her, without falling into formulas.

Fernanda Fragateiro thinks about exhibition spaces, presentation contexts, observes time, and designs to measure. Architecture and design are references in her process.

A multidisciplinary artist working with different materials, her eminently sculptural work is clearly influenced, from an

aesthetic point of view, by modernism and the Bauhaus school. With an international CV and unanimous recognition, she is one of the most important names of her generation, combining her work as a higher education lecturer with a vast number of exhibitions and projects. Her lines, intersections, encounters, textures, colours, references and tributes are her unique language and, on first contact with the Tires Prison, a complex initially built in 1953, it seemed to me that the architecture of the place had points of contact with Fernanda Fragateiro's language and that her plain colours and words would add to the extreme urgency of the abstract and the imagination. The artist's recent intervention at the Camões High School (Lisbon, 2024⁸), as well as the project "In the vocabulary of profit, there is no word for 'pity'" (Portimão, 2008), were important references for what could emerge in Tires.

Fernanda Fragateiro's artistic residence had a different duration, from September 29th to November 7th, 2025, in two weekly periods, with the particularity that Fernanda brought together a group of volunteers for the project, such as curator Luiza Teixeira de Freitas (Brazil, 1984), Marquesa Giraud and Oleksandr Ivanov (members of her studio) and social animator Maria José Barbosa. Around 15 mothers participated, with children, some of them newborns, attending several sessions.

The artist thus had two starting points: the inmates' contact with books, particularly poetry and poets, which would serve as the basis for defining the interventions in the common areas, on the one hand; and Bruno Munari's (Italy, 1907-1998) "unreadable book" and "bed book", on the other.

In parts, starting with words and poems:

- 1 Each inmate was given a list of words.
- 2 Each inmate was asked to choose 10 words.
- 3 Based on their individual choices, Luiza Teixeira de Freitas selected an excerpt from a poem that included the words.
- 4 Each inmate was asked to select two phrases/verses from the 10 poems chosen for them.
- 5 From the chosen poems, they were asked to select one or two phrases/verses.
- 6 From the set of phrases/verses, more than a dozen were selected to be painted in the common areas.
- 7 From the 10 words that each had chosen, they chose one again to paint on the inside of the cell door.
- 8 The remaining words were painted throughout the common areas.
- 9 The phrases/verses that were chosen were painted in places decided collectively, with most of the decisions being made by the inmates. The artist only determined one phrase/verse and one location.
- 10 In addition to the paintings of the phrases, monochromatic paintings were made in various common areas, such as the intervention at Camões High School.

During one of the technical visits to Tires, I stumbled upon a poem by Ruy Belo (Portugal, 1933–1978), one of the poems chosen during the process:

6 SANDEL, Michael J. *A Tirania do Mérito: o que aconteceu ao bem comum?* Lisbon: Editorial Presença, 2022. Page 207.

7 Cited in BREGMAN, Rutger. *Ambição Moral*. Lisbon: Bertrand, 2025. Page 9.

8 <https://fernandafragateiro.com/A-Paleta-e-o-Mundo-2024> on October 20th, 2025.

*"Joy
Joy is this:
Walking slowly
knowing that life
is still possible."*

In 1949, Bruno Munari began designing his "*libri illeggibili*" (unreadable books), which abandoned the exclusive use of text for communication. In these books, paper is not used to support text, but to communicate a message through shape, colour, cuts and their sequence. The traditional elements of the book, such as the colophon and the title page, are excluded, and reading takes place like a melody, with different tones in the sequence of pages.

"This experiment aimed to see whether it is possible to use the material from which a book is made (excluding the text) as a visual language. The question, therefore, is: can one communicate, visually and tactilely, using only the editorial means of book production? Or: can the book as an object, independent of the printed words, communicate something? What?"

In 1993, with "*Libro Letto*" (Bed Book), Munari created an artist's book made of fabric, whose pages are joined by fasteners and can be arranged in various configurations, functioning as a bed.

With the mothers and children of Tires in mind and intending to create places where memories are also made of affection and colours, the cushion project, which uses 70x70 cm cardboard sheets whose colours were carefully chosen by Fernanda Fragateiro, also forms a large panel. The cardboard was worked with geometric shapes and bright colours, reminiscent of Munari, and its transformation into textiles is the responsibility of the sewing workshop at the Tires Prison. All the leftover material is being used by the inmates to decorate the interior of the cells and to produce small cushions for the children. The library of the "*Casa das Mães*" (Mothers' House) is also being reorganised with books suggested by Fernanda Fragateiro, brought by us and others donated by the Serralves Foundation.

From the moment the artist first interacted with the inmates, they all expressed a desire to transform the cell doors, which close at the end of the day to allow mothers and children to rest, symbolically shutting down dreams and stifling imagination. These are heavy iron doors, marked and worn by time. Fernanda Fragateiro's artistic residence thus took on a new challenge with the painting of the 20 doors of the 20 cells, with a selection of colours chosen by the artist and in line with her preferred palette.

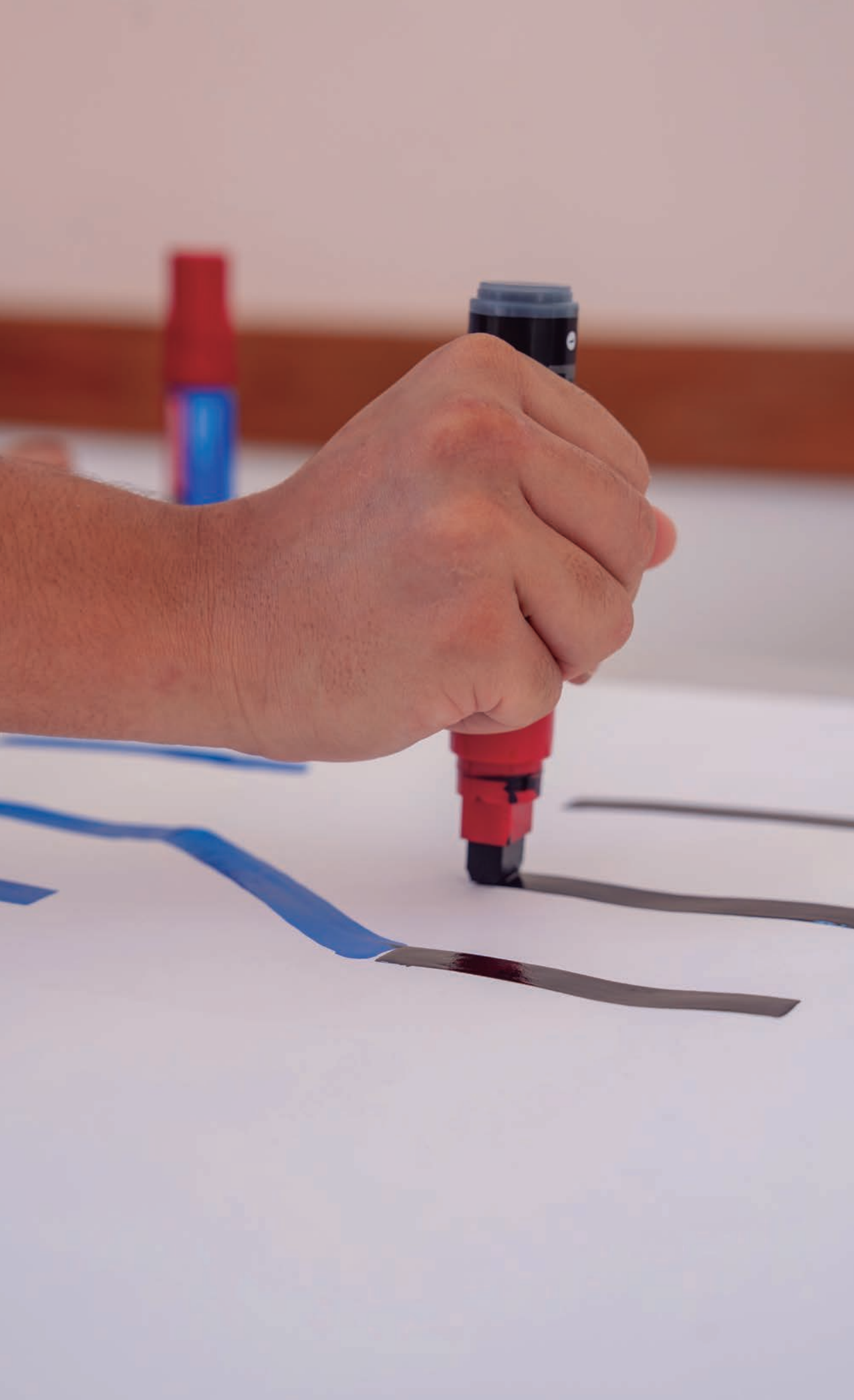
The entire intervention, "*Eu quero um sol mais sol que o sol*" (I want a sun brighter than the sun), was created by the inmates under the guidance of Fernanda Fragateiro, with the help of the Tires maintenance team. This is symptomatic of all the goodwill, cooperation and generosity that this project received from all the DGRSP employees who crossed paths with us and our artists. Thank you. Thank you very much.

"*As Portas Que Abril Abriu*" (The Doors That April Opened) is a 1975 poem by José Carlos Ary dos Santos (Portugal, 1936–1984), which celebrates the Carnation Revolution and stands as a kind of chronicle of those days of hope and freedom. In this project, our doors were always opened by poets and poetry: by Cardinal Tolentino Mendonça, who challenged us; by Sebastião da Gama's poem, which welcomed us and brought us a message; by the poems that served as the motto for Fernanda Fragateiro's intervention (Ruy Belo's and all the others that we can now read on the walls of Tires); and by all the days when poetry saves us from the harshness of life and appeals to our imagination.

Helena Mendes Pereira
General Director of ZET, art gallery







**ESTABELECIMENTO
PRISIONAL DE LEIRIA
- JOVENS**

A arte como elemento de transformação no EP de Leiria - Jovens

O Estabelecimento Prisional de Leiria - Jovens, inicialmente denominado Prisão-Escola, localiza-se na cidade de Leiria, numa propriedade com cerca de 92 hectares, conhecida por Quinta Lagar D'El Rei, que outrora foi pertença da Casa do Infantado e dos Viscondes de S. Sebastião. Foi criado a 8 de setembro de 1934, com a aquisição da Quinta do Lagar d'El Rei pelo Estado, e, a 7 de abril de 1947, recebeu os primeiros 50 reclusos. Destina-se, desde a sua origem, a jovens reclusos dos 16 aos 21 anos, que pudessem obter tratamento diferenciado, privilegiando uma ação educativa intensa e afastada dos delinquentes mais velhos.

Atualmente, no Estabelecimento Prisional encontram-se jovens privados de liberdade todos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e 25 anos, sendo a grande maioria dos jovens de nacionalidade portuguesa e oriunda de zona da Grande Lisboa. São jovens com baixas habilitações literárias (muitos não têm completo o 3º ciclo do ensino básico), havendo mesmo casos de jovens que não sabem ler nem escrever. Os percursos destes jovens, provenientes de comunidades desfavorecidas e sem rede de apoio, foram marcados pelo absentismo e abandono escolar. Encontram-se, cada vez mais, condenados por crimes violentos contra o património (roubos e furtos) e contra pessoas (ofensas corporais graves, tentativas de homicídio e homicídio). A grande maioria dos jovens é a primeira vez que se encontram em reclusão, sendo reincidentes apenas uma pequena percentagem.

Neste quadro, a falta de competências (pessoais, sociais) revela-se um dos grandes fatores de risco para a reincidência criminal, pelo que, neste Estabelecimento Prisional, são desenvolvidas múltiplas atividades que visam dotar os jovens de competências pessoais e sociais, nos domínios da educação formal e não formal, com uma intervenção holística, para que os jovens reclusos alcancem sucesso na sua reinserção social.

O projeto da residência artística, no âmbito do Jubileu 2025, foi desenvolvido pelo artista Ilídio Candja, entre os dias 15 e 30 de setembro de 2025, envolvendo um grupo de dez reclusos. A execução foi marcada por grande participação e entusiasmo: foram os próprios reclusos que estiveram ativamente envolvidos na pintura do mural, na colocação das formas e no esbatimento das cores, contribuindo de forma decisiva para o resultado final da obra. Durante duas semanas intensas, o trabalho neste mural revelou-se um verdadeiro exercício de resiliência, compreensão e espírito de equipa. Os participantes, lado a lado com o artista, tiveram oportunidade de partilhar ideias, experimentar técnicas, aprender novas formas de expressão e, sobretudo, refletir

sobre o valor da arte como linguagem universal. O projeto desenvolveu-se em duas vertentes complementares: em sala, onde os reclusos exploraram o desenho em papel, experimentando formas e símbolos que representassem as suas vivências, sentimentos, esperanças e fé; e no mural coletivo, junto ao Edifício Escolar, as criações foram transpostas para a parede, dando origem a uma obra, maior fruto da união, da entreaajuda e da partilha.

O mural final é muito mais do que um simples registo artístico: representa liberdade, resiliência e fé – valores que transcendem o espaço prisional e se projetam como uma mensagem de esperança.

Esta iniciativa só foi possível graças à parceria com a ZET Galeria de Arte, responsável pelo apoio logístico e artístico, e à Fundação Jornada, entidades que demonstram a importância das alianças entre instituições culturais e sociais. Esta residência artística promoveu a criatividade, o diálogo e a reinserção, abrindo novos horizontes. Mais do que um mural, o que ficou no Estabelecimento Prisional de Leiria - Jovens foi a prova viva de que a arte pode ser um ponto de encontro, um instrumento de transformação e um caminho possível para a reconstrução de vidas.

Agradecemos a todos os envolvidos a oportunidade de participar neste projeto, o qual foi muito gratificante e com resultados muito impactantes.

Joana Patuleia
Diretora do Estabelecimento Prisional de Leiria - Jovens

Art as an element of transformation at Leiria Correctional Facility - Youth

The Leiria Correctional Facility - Youth, initially called the Prison-School, is located in the city of Leiria, on a property of approximately 92 hectares known as *Quinta Lagar D'El Rei*, which once belonged to the *Casa do Infantado* and the Viscounts of S. Sebastião. It was created on September 8th, 1934, with the acquisition of *Quinta do Lagar d'El Rei* by the State, and on April 7th, 1947, it received its first 50 inmates. Since its origins, it has been intended for young inmates aged 16 to 21, who could receive differentiated treatment, favouring intensive educational activities and keeping them away from older offenders.

Currently, the Correctional Facility houses young men deprived of their liberty, all male, aged between 16 and 25. The vast majority are of Portuguese nationality and come from the Greater Lisbon area. These young people have low educational qualifications (many have not completed high school), and there are even cases of young people who are unable to read or write. Their life paths, shaped by disadvantaged communities and the absence of support networks, have been marked by absenteeism and dropping out of school. Increasingly, they are serving sentences for violent crimes against property (such as robbery and theft) and against persons (including serious bodily harm, attempted murder, and murder). For the great majority, this is their first time in detention, with only a small percentage being repeat offenders.

In this context, the lack of skills (personal, social) is one of the major risk factors for criminal recidivism. Therefore, this facility develops multiple activities aimed at equipping young people with personal and social skills in the areas of formal and informal education, with a holistic approach, so that young inmates can successfully reintegrate into society.

The artistic residence project, part of Jubilee 2025, was developed by artist Ilídio Candja between September 15th and 30th, 2025, involving a group of ten inmates. The project was marked by great participation and enthusiasm: the inmates themselves were actively involved in painting the mural, placing the shapes and blending the colours, contributing decisively to the result of the work. During two intense weeks, working on this mural proved to be a true exercise in resilience, understanding and team spirit. Working side by side with the artist, participants had the opportunity to share ideas, experiment with techniques, learn new forms of expression and, above all, reflect on the value of art as a universal language.

The project was developed in two complementary areas: in the classroom, where inmates explored drawing on paper, experimenting with shapes and symbols that represented their experiences, feelings, hopes, and faith; and on the collective mural, next to the School Building, where the creations were

transferred to the wall, giving rise to a work that was the greatest fruit of unity, mutual aid, and sharing.

The final mural is much more than a simple artistic record: it represents freedom, resilience, and faith – values that transcend the prison space and project themselves as a message of hope.


This initiative was only possible due to the partnership with ZET art gallery, responsible for logistical and artistic support, and the *Jornada* Foundation, entities that demonstrate the importance of alliances between cultural and social institutions. This artistic residence promoted creativity, dialogue and reintegration, opening up new horizons. More than just a mural, what remained at the Leiria Correctional Facility - Youth was living proof that art can be a meeting point, an agent of transformation and a possible path to rebuilding lives.

Joana Patuleia
Director of Leiria Correctional Facility - Youth









FORÇA

E
RESILÊNCIA













ESTABELECIMENTO PRISIONAL DE TIRES

Projeto JUBILEU 2025: Residências Artísticas no EP de Tires

O Estabelecimento Prisional (EP) de Tires nasceu em 1953 numa quinta de 34 hectares, tendo sido gerido, até 1980, por uma congregação religiosa de freiras denominada “Ordem do Bom Pastor”. Em 1980, passou para a tutela do Estado Português. Com uma lotação de 462 reclusas, o EP de Tires é constituído por três pavilhões de regime comum, dois destinados a regime aberto e um pavilhão designado “Casa das Mães”, onde se encontram reclusas em período de gestação e/ou que tenham filhos a residir consigo, até aos 3 anos de idade. As crianças, a partir dos 6 meses de idade, frequentam a creche do EP, fomentando o normal desenvolvimento destas, ao mesmo tempo que é permitido à mãe a frequência de atividades durante o dia. A criação da Casa das Mães, em 15/11/2000, veio responder a uma necessidade há muito sentida na gestão da população prisional e que diz respeito à separação das reclusas, grávidas ou com filhos junto de si, da restante população prisional, criando-se um espaço mais apropriado em termos de condições de segurança e habitabilidade, promotor da relação materno-infantil e do processo de desenvolvimento das crianças.

Foi precisamente neste setor que teve lugar, durante o mês de outubro e novembro de 2025, o projeto JUBILEU 2025 - Residência Artística que foi extremamente bem recebido pela população reclusa, evidenciando o preponderante papel que as atividades ocupacionais e, em particular, a expressão artística têm no processo de humanização do tratamento penitenciário e no ensaio *ressocializador*.

É facto incontestado que as atividades ocupacionais desenvolvidas em meio prisional desempenham um papel essencial na promoção da dignidade humana, na reconstrução de identidades e na preparação para a reintegração social. Num ambiente marcado pela restrição da liberdade e pela rotina rígida, o envolvimento dos reclusos em atividades significativas oferece não apenas uma forma de ocupação do tempo, mas também uma oportunidade concreta de transformação pessoal. A arte destaca-se como uma ferramenta particularmente poderosa, como um canal de expressão capaz de dar voz às experiências, emoções e perspetivas destas pessoas, reconstruindo um sentido de identidade, não raras vezes fragmentado pelo percurso de exclusão social, favorecendo, assim, o desenvolvimento da empatia, da autocrítica e da autoestima. No entanto, o impacto deste projeto ultrapassa o universo da população em reclusão e toca o meio livre, aproximando a sociedade do universo prisional ao expor produções artísticas que revelam humanidade, sensibilidade e potencial criativo, onde antes predominavam estigmas e preconceitos. Este projeto, que muito nos honra ter recebido, atuou como ponte entre o “interior” e o “exterior”, contribuindo para uma visão mais ampla e inclusiva da justiça e da reabilitação, cada vez mais

necessária. Para todos os que nele participaram foi, certamente, instrumento de educação, terapia e reinserção, reforçando o princípio de que a pena privativa de liberdade não deve ser apenas punitiva, mas também formativa e reparadora, permitindo que cada pessoa tenha a oportunidade de reconstruir sua história e *ressignificar* a sua trajetória.

Conversando com reclusas sobre o projeto, tornou-se claro que a experiência artística constituiu, antes de mais, uma forma de humanização e expressão de autenticidade, mesmo em contexto adverso, dando eco ao argumento de John Dewey (EUA, 1859-1952) segundo o qual a arte é a expressão mais pura da experiência humana.

Numa última nota, cumpre agradecer à ZET Galeria de Arte, na pessoa da Dra. Helena Pereira e sua equipa, e, em particular, à artista Fernanda Fragateiro, com quem tivemos o prazer de conviver, pela sua generosidade, simplicidade, criatividade na expressão e humanidade no trato, assim reafirmando o poder transformador da arte e o valor do encontro humano que ela torna possível.

Abram-se as portas à esperança!

Lígia Rebelo
Diretora do Estabelecimento Prisional de Tires

JUBILEE 2025 Project: Artistic Residencies at Tires Prison

The Tires Prison was established in 1953 on a 34-hectare estate and was managed until 1980 by a religious congregation of nuns known as the "Order of the Good Shepherd". In 1980, its administration was transferred to the Portuguese State. With a capacity of 462 inmates, the Tires Prison comprises three pavilions under the general regime, two under the open regime, and one pavilion known as the "*Casa das Mães*" (Mother's House), which accommodates women who are pregnant and/or have children living with them up to the age of three. From six months of age, the children attend the prison's nursery, which promotes their normal development while allowing the mothers to take part in daily activities. The creation of the House of Mothers on November 15th, 2000, responded to a long-felt need in the management of the prison population, namely to separate pregnant inmates and those with children from the rest of the prison population, creating a more appropriate space in terms of security and living conditions, promoting the mother-child relationship and the children's development process.

It was precisely in this sector that, during October and November of 2025, the JUBILEE 2025 - Artistic Residence project took place, which was extremely well received by the prison population, highlighting the predominant role that occupational activities and, in particular, artistic expression plays in the process of humanising prison treatment and in *resocialisation* efforts.

It is an undisputed fact that occupational activities carried out in prisons fulfil an essential role in promoting human dignity, rebuilding identities and preparing inmates for social reintegration. In an environment marked by restricted freedom and rigid routines, involving inmates in meaningful activities not only provides them with a way to occupy their time, but also offers them a concrete opportunity for personal transformation. Art stands out as a particularly powerful tool, as a channel of expression capable of giving voice to these people's experiences, emotions and perspectives, rebuilding a sense of identity that is often fragmented by social exclusion, thus promoting the development of empathy, self-criticism and self-esteem. However, the impact of this project goes beyond the prison population and touches the free world, bringing society closer to the prison environment by exhibiting artistic productions that reveal humanity, sensitivity and creative potential, where stigma and prejudice once prevailed. This project, which we are very honoured to have received, acted as a bridge between the "inside" and the "outside", contributing to a broader and more inclusive vision of justice and rehabilitation, which is increasingly necessary. For all those who participated in it, it was certainly an instrument of education, therapy, and reintegration, reinforcing the principle that imprisonment

should not only be punitive, but also formative and restorative, allowing each person the opportunity to rebuild their history and *redefine* their trajectory.

Talking to inmates about the project, it became clear that the artistic experience was, above all, a form of humanisation and expression of authenticity, even in an adverse context, echoing John Dewey's (USA, 1859-1952) argument that art is the purest expression of human experience.

On a final note, we would like to thank ZET, art gallery, in the person of Dr Helena Pereira and her team, and in particular the artist Fernanda Fragateiro, with whom we had the pleasure of spending time, for her generosity, simplicity, creativity of expression and humanity in her dealings, thus reaffirming the transformative power of art and the value of the human encounter that it makes possible.

Let the doors to hope be opened!

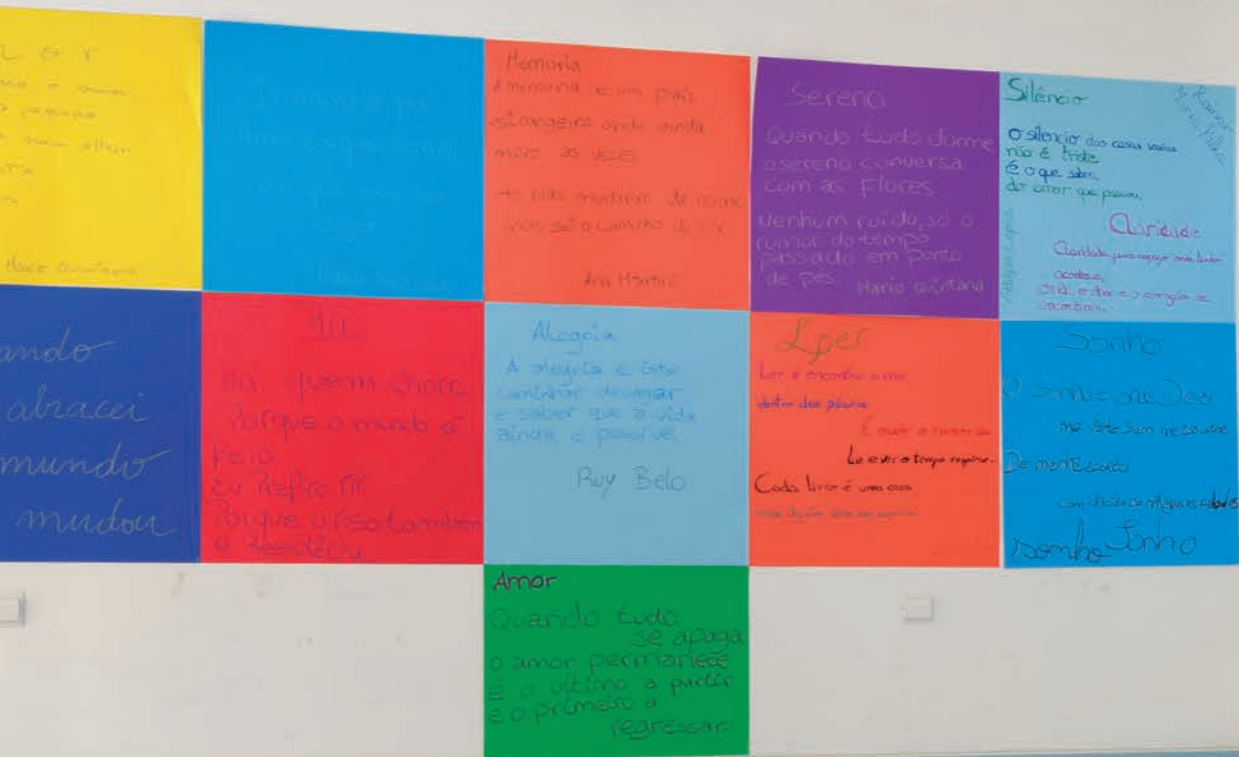
Lígia Rebelo
Director of the Tires Prison

(assim assim)



ler é encontrar o mar dentro das palavras





sei lá... abraço... abraço... abraço...





esperar é também um movimento



ideia



a alma é livre





eu prefiro rir, porque o riso

também é resistência.



a saudade é o tempo a tentar voltar.





amor

déjà-vu

desejo

raiso

saude

ela

calor

nia

pe

auror

pra

utopia

resiste

coração

silêncio

tempo

eu quero um sol mais sol que o sol



a alma é livre
mesmo quando o
corpo não é.
e às vezes basta
um sonho
pra provar.









luar



LISTA DE IMAGENS / LIST OF IMAGES

12-13	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
18-19	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
23	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
27	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
28-29	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
34-35	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
36	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
38	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
40-41	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
50-53	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
54	<i>Libro Illeggibile</i> , Bruno Munari
55	<i>Libro Letto</i> , Bruno Munari
56-59	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence
56-73	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
80-97	Residência artística de Ilídio Candja Candja Ilídio Candja Candja's artistic residence
104-139	Residência artística de Fernanda Fragateiro Fernanda Fragateiro's artistic residence

CATÁLOGO / CATALOGUE

TÍTULO / TITLE
"As portas que a poesia abriu"
Portas da Esperança - Jubileu 2025, Portugal

EDIÇÃO / EDITION
ZET

CURADORIA EDITORIAL / EDITORIAL CURATORSHIP
Bárbara Forte
Francisca Marques
Helena Mendes Pereira

DESIGN GRÁFICO E EDITORIAL / GRAPHIC AND EDITORIAL DESIGN
Bárbara Forte
Francisca Marques

TEXTOS / TEXTS
Alexandre Palma
Helena Mendes Pereira
José Teixeira
Joana Patuleia
Card. José Tolentino Mendonça
Lígia Rebelo
Orlando Carvalho
Rita Alarcão Júdice

REVISÕES / REVISIONS
Manuel Costa
Mariana Fortes
Rita Fonseca

TRADUÇÕES / TRANSLATIONS
Rita Fonseca

FOTOGRAFIA / PHOTOGRAPHY
António Jorge Silva
Manuel Costa

IMPRESSÃO / PRINTING
NORPRINT - a casa do livro

NÚMERO DE EXEMPLARES / NUMBER OF COPIES
350

ISBN
978-989-36608-0-5

DEPÓSITO LEGAL / LEGAL DEPOSIT

PROJETO ARTÍSTICO / ARTISTIC PROJECT

"As portas que a poesia abriu"
Portas da Esperança - Jubileu 2025, Portugal

CURADORIA / CURARTORSHIP
Helena Mendes Pereira

ASSISTÊNCIA DE CURADORIA / CURATORSHIP ASSISTANCE
Vasco Quintas

PRODUÇÃO / PRODUCTION
EP DE LÉIRIA - Jovens
EP DE TIRES
ZET

ARTISTAS / ARTISTS
Fernanda Fragateiro
Ilídio Candja Candja

COLABORAÇÕES / COLLABORATIONS — ATELIER FERNANDA FRAGATEIRO
Filipe Meireles
Luiza Teixeira de Freitas
Maria José Barbosa
Marquesa Giraud
Oleksandr Ivanov

EP DE TIRES
"Eu quero um sol mais sol que o sol"
Pintura mural, a partir de texto poético, e peça têxtil, a partir de Bruno Munari /
Mural painting based on poetic text and textile piece, based on Bruno Munari

EP DE LEIRIA - JOVENS
"Inclusão: menos muros, mais Liberdade"
Pintura mural / Mural painting

"Pelo sonho é que vamos"
Assemblagem e marcador sobre papel / Assemblage and marker on paper

VÍDEO / VIDEO
Manuel Costa

